



Marisley Góes Borba Paludo

Sentidos atribuídos por idosos à participação em um grupo de
convivência

Curitiba – Paraná

2019



Marisley Góes Borba Paludo

Sentidos atribuídos por idosos à participação em um grupo de convivência

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Claudia N. S. Wanderbroocke

Curitiba – Paraná

2019

Dados Internacionais de Catalogação a fonte
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

P184 Paludo, Marisley Góes Borba

Sentidos atribuídos por idosos à participação em um grupo de convivência / Marisley Góes Borba Paludo; orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Claudia N.S. Wanderbroocke.

77f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.

1. Idosos. 2. Grupo de convivência 3. Motivo.
4. Práticas desenvolvidas. I. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia/ Mestrado em Psicologia. II. Título.

CDD – 305.26

Nome: Marisley Góes Borba Paludo

Título: Sentidos atribuídos por idosos à participação em um grupo de convivência

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia N. S. Wanderbroocke

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura_____

Membro Titular: Prof.^o Dr. ^o Denise Camargo

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura:_____

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Regina Célia Celebrone Lourenço

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura_____

Agradecimentos

À Prof.^a Dr.^a Ana Claudia N. S. Wanderbroocke, pelas orientações, pela paciência, palavras de carinho, suporte emocional e por compartilhar o seu conhecimento de forma tão humilde.

Aos meus pais que me incentivaram e estimularam neste momento da vida.

Ao meu sogro, minha eterna gratidão, pois o seu apoio não teria conseguido terminar o mestrado.

Ao meu marido que suportou e estimulou todo o processo do mestrado.

Ao meu filho que me deu estímulo e auxílio neste período.

Aos meus irmãos e cunhada pelo estímulo e carinho.

Aos professores e coordenadores do curso de mestrado que compartilharam os seus conhecimentos.

Ao colega mestrando Marcos que possibilitou que eu coletasse todos os dados da pesquisa na sua paróquia, pelo seu acolhimento, carinho e alegria.

Aos membros da Banca Examinadora de defesa desta dissertação, Prof.^o Dr.^o. Regina Célia Celebrone e Prof.^a Dr.^a Denise Camargo, pelas contribuições.

À todas as idosas que contribuíram com a pesquisa com alegria e entusiasmo.

A todos aqueles que cooperaram de alguma forma para a realização desta pesquisa, o meu carinho e o meu reconhecimento.



O que me surpreende é a impressão de não ter envelhecido, embora eu esteja instalada na velhice.

O tempo é irrealizável.

Provisoriamente o tempo parou para mim.

Provisoriamente.

Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro.

O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar.

Portanto, ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo.

Hoje, que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. Não sou escrava dele.

O que eu sempre quis foi comunicar unicamente da maneira mais direta o sabor da minha vida. Unicamente o sabor da minha vida.

Acredito que eu consegui fazê-lo.

Vivi num mundo de homens, guardando em mim o melhor da minha feminilidade.

Não desejei e nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.

Simone de Beauvoir (1990).

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar os sentidos atribuídos à participação em um grupo de convivência de idosos na cidade de Curitiba-Pr. Tem como objetivos específicos conhecer os motivos para a busca do grupo de convivência destes idosos, identificar as práticas desenvolvidas pelos idosos no grupo de convivência, reconhecer os sentidos atribuídos às práticas e de que maneira contribuem para o enfrentamento do processo. A coleta de dados foi efetuada por meio de questionário sociodemográfico e roteiro de entrevista semiestruturada, realizada de maneira individual, gravada em áudio e transcrita. Foram incluídas 10 idosas do sexo feminino participantes do grupo de terceira idade de uma comunidade religiosa. A análise de dados tem como referência as práticas Discursivas de Spink e Medrado (2013), que colocam a linguagem como uma prática social que proporciona sentido nas atividades diárias, e para tanto, foi organizada uma tabela com os temas e suas categorias e subcategorias com as falas de cada entrevistado. Foram construídas as seguintes categorias: 1) motivos para os idosos buscarem o grupo de convivência; 2) práticas desenvolvidas e sentidos atribuídos. Os resultados indicaram que as perdas, o contexto, o pertencimento, as atividades, as orações e os cânticos religiosos, a interação social e a transmissão e elaboração de conhecimentos ajudam as participantes no enfrentamento de seus sofrimentos e sentimentos, por exemplo, a exclusão que ainda é vivenciada neste século atual. Portanto, é necessário que se estimulem a construção de políticas públicas para proporcionar a superação das necessidades desses idosos, assim como uma conscientização da população acerca do envelhecimento ativo. Diante destes resultados, pode-se concluir que a participação no grupo de convivência propicia aos idosos uma reelaboração dos acontecimentos e vivências, o que propicia a inserção social com respeito e dignidade, mesmo que seja em pequenas comunidades, o que ocorreu especificamente na presente pesquisa.

Palavras-chave: Idosos. Grupo de convivência. Motivos. Sentidos. Práticas Desenvolvidas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the meanings attributed to participation in an elderly coexistence group in the city of Curitiba-PR. Its specific objectives are to know the reasons for the seeking for the coexistence group by these elderly, to identify the practices developed by the elderly in the coexistence group, recognize the meanings attributed to the practices and how they contribute to facing the process. Data collection was performed through sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview script, carried out individually, recorded in audio and transcribed. We included 10 female elderly participants from the senior group of a religious community. The data analysis has as reference the discursive practices of Spink and Medrado (2013), which place language as a social practice that provides meaning in daily activities, and for this purpose a table was organized with the themes and their categories and subcategories with the speeches of each interviewee. The following categories were constructed: 1) reasons for the elderly to seek the coexistence group; 2) developed practices and attributed meanings. The results indicated that the losses, the context, the belonging, the activities, the prayers and the religious chants, the social interaction and the transmission and elaboration of knowledge help the participants in facing their suffering and feelings, for example, the exclusion that is still experienced in the current century. Therefore, it is necessary to stimulate the initiative for public policies in order to overcome the needs of these elderly people, as well as an awareness of the population about active ageing. In view of these results, it can be concluded that participation in the coexistence group provides the elderly with a reelaboration of events and experiences, which provides social inclusion with respect and dignity, even in small communities, which occurred specifically in the present research.

Keywords: Elderly. Group of coexistence. Reasons. Senses. Practices Developed.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Mudança Demográfica Brasileira.....	19
Tabela 2 - Categorias subcategorias.....	43

LISTA DE SIGLAS

CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CEP	Conselho de Ética
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONV	Organização Nações Unidas
PNI	Política Nacional do Idoso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sumário

1. Introdução	13
2. Revisão de Literatura	19
2.1 Velhice e envelhecimento – panorama demográfico, histórico e social	19
2.2 O idoso e a conquista de direitos: proteção e participação	24
2.3 Grupos de convivência para idosos possibilidades de participação social	26
3. Objetivos	32
3.1 Objetivo Geral	32
3.2 Objetivos Específicos	32
4. Método	33
4.1 Referencial teórico-metodológico: O Construcionismo Social	33
4.2 Desenho	34
4.4 Local	36
4.5 Instrumentos	38
4.6 Procedimentos	40
4.7 Análise dos Dados	41
5. Resultados e Discussão	44
5.1 Motivos que fizeram as participantes buscarem o grupo	45
5.1.1 Perdas	45
5.2 Práticas Desenvolvidas	50
5.2.1 Atividades	50
5.2.2 Orações e cânticos	51
5.3 Sentidos para participação no grupo	53
5.3.1 Interação Social	53
5.3.3 Religião	56
6. Considerações Finais	58
Referências	61

Apêndice 1 - Questionário Sociodemográfico	71
Apêndice 2 - Roteiro de entrevista	73
Apêndice 3 - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	74
Anexo 1 - Parecer de aprovação do CEP	76

1. Introdução

O envelhecimento populacional é uma das grandes conquistas da humanidade, mas também um dos maiores desafios atuais para os países, incluindo o Brasil (World Health Organization [WHO], 2005). Este fato causará um aumento considerável das demandas sociais e econômicas e acarretará a necessidade de implementação de políticas públicas e programas para o envelhecimento que englobem saúde, segurança e a participação social.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2016), entre 2005 e 2015, a proporção de idosos de 60 anos ou mais, na população do Brasil, passou de 9,8% para 14,3%. Enquanto as proporções de idosos de 60 anos ou mais e de adultos de 30 a 59 anos cresceram de 2005 a 2015 (respectivamente 4,5 e 4,8 pontos percentuais (p.p.)), ocorreu um decréscimo no número de crianças de 0 a 14 anos (5,5 p.p.) e de jovens de 15 a 29 anos (3,8 p.p.), o que indica a tendência de envelhecimento demográfico.

Durante muito tempo os idosos foram considerados pessoas com ideias ultrapassadas em função de sua idade e por estarem fora do mercado de trabalho e dos avanços científicos e tecnológicos. Frente a este panorama, foram estigmatizados de ‘empecilhos’ ou ‘invisíveis’ e, pessoas que não possuem condição de ser humano com vontades e desejos próprios, sendo criada uma imagem negativa e equivocada de velhice (Lodovici, 2006).

Gradualmente este panorama vem mudando e na atualidade os idosos estão inseridos em vários programas estimulando a participação social e familiar, os cuidados com a saúde e a qualidade de vida. Esta mudança da sociedade em relação aos idosos foi impulsionada pelas políticas públicas destinadas a esse grupo etário. Tais políticas seguem a perspectiva do envelhecimento ativo que, para Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005), é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas.

Envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais, permitindo que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social, mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com as necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. Entre os conceitos envolvidos estão a autonomia, independência, qualidade de vida e expectativa de vida saudável (OMS, 2005, p. 13).

Os grupos de convivência para idosos são iniciativas da sociedade para promover o envelhecimento ativo.

Peter Berger e Thomas Lukmann (2014) indicam que a sociedade é uma produção humana e social que se desenvolve pelo processo de interação humana, portanto, a interiorização da realidade e o conhecimento dos papéis desenvolvidos por estes, ou seja, o indivíduo aprende sobre a sua personalidade através do contato e reflexão dos outros e de si próprio através destes papéis, aprende sobre si através de uma percepção dos outros. Sendo assim, essa interiorização e pensamento sobre os outros possibilita uma mudança social, pois é através desta contemplação realizada em grupo que se constrói uma nova percepção de si, dos outros e uma nova realidade. Através deste processo é possível se realizar essa mudança social porque esta contemplação possibilita uma nova visão de si e dos outros e isto só se estabelece através do convívio social. Na presente pesquisa isto foi observado nos grupos com a realização das trocas que possibilitaram através da linguagem realizar a autorreflexão e apresentá-las aos seus semelhantes, familiares e membros da comunidade.

Neste sentido, os grupos de convivência trabalham com a interação, inclusão social e estímulos à autonomia, melhorando a autoestima e promovendo a inclusão social de forma consciente (Vagetti et al., 2013; Moura & Souza, 2015; Almeida et al, 2010). Os grupos de

convivência têm sido campo para inúmeras pesquisas. Entre as mais frequentes estão os estudos quantitativos, direcionados à avaliação de funções cognitivas (Silveira & Portuguez, 2017; Lima et al., 2017; Campos & Felipe, 2016; Leite et al., 2012; Yassuda & Silva, 2010) e da qualidade de vida dos integrantes (Silveira & Portuguez, 2017; Pereira, 2015; Miranda, 2014; Leite et al., 2012; Rocha et al., 2010). Os grupos de convivência também têm possibilitado a avaliação de ansiedade e depressão entre idosos (Silveira & Portuguez, 2017; Lima et al., 2017; Yassuda & Silva, 2010), condições objetivas de saúde (Oliveira et al., 2016; Pereira, 2015; Silva et al., 2011), habilidades sociais e autoestima (Ongaratto et al., 2016). As pesquisas qualitativas por sua vez, têm buscado os grupos de convivência para o levantamento da percepção de idosos sobre sexualidade (Bevilacqua et al., 2013), corpo e autoimagem (Silva et al., 2013) e sobre a percepção da velhice (Araújo, 2015; Both et al., 2012; Celich et al., 2010).

Entre as pesquisas que mais se aproximam desta dissertação, estão as que buscaram conhecer motivos e os benefícios da participação em grupos de convivência. Os motivos que os idosos apresentam para participação no grupo foram: uma forma de voltar para a sociedade, pois na maioria das vezes, quando se deparam com a velhice, enfrentam graves problemas, devido à perda de alguém próximo, como amigos ou parentes, incluindo-se também a troca do trabalho pela aposentadoria, do reconhecimento social, entre outros. Dentre as razões está a interação pessoal e o compartilhar alegria, afeto, amor, tristeza, conhecimentos, resgate da vaidade, prazer, satisfação e alegria de poder estar com outras pessoas (Leite et al., 2012; Both et al., 2012; Silva et al., 2011; Daher & Debona, 2010; Rizolli & Surdi, 2010). O grupo foi considerado um espaço social no qual realizam-se atividades, conversam, sorriem, dançam e fortalecem laços. Alguns estudos (Leite et al., 2012; Both et al., 2012; Silva et al., 2011; Daher & Debona, 2010; Rizolli & Surdi, 2010) informaram que a participação nos grupos promoveu mudanças na saúde física e mental.

Apoio e incentivo dos familiares foram percebidos como reforço para continuar participando do grupo, assim como, a compreensão do que promove a sua própria participação no grupo, análise e características das estratégias para reelaboração dos saberes e fazeres nas suas rotinas, benefícios na melhoria da saúde (tanto psíquica quanto física e biológica) e o quanto as redes de relações auxiliam e são significativas para satisfação com a própria vida. Em outras pesquisas (Daher & Debona, 2010; Leite et al., 2002; Maier & Klumb, 2005; Rizolli & Surdi, 2010; Silva et al., 2011; Wichmann et al., 2013) também foram abordados os benefícios dos processos participativos em termos de melhorar a autoestima, aumento de formas de expressão das capacidades para pensar, falar, e de contribuir com o aumento do nível de abordagem participativa e reconhecimento externo.

Apesar de os grupos de convivência para idosos representarem um campo fértil para que pesquisadores ampliem o conhecimento sobre o envelhecimento humano, ainda são restritas as pesquisas voltadas para a compreensão dos sentidos da participação nesses grupos pelos próprios idosos.

Além disso, entende-se que nem sempre os idosos têm autonomia ou liberdade para escolher de que forma gostariam de conduzir as atividades direcionadas a eles, portanto, realizam atividades consideradas adequadas pelos profissionais. Algumas práticas presentes em espaços de convivência destinados à idosos limitam a possibilidade de participação, e por mais que sejam destinadas a promover o envelhecimento ativo, existe o risco de não serem efetivas, por não construírem um contexto de participação que promova autonomia, respeito à historicidade da pessoa idosa e contexto para a construção de sentidos sobre o envelhecimento.

O assunto envelhecimento me trouxe curiosidade somente no momento do Mestrado, pois estava atuando em clínica e anteriormente em psicologia hospitalar infantil no setor de

oncologia e hematologia e em reabilitação com doenças neuro degenerativas. Apenas no processo do mestrado tive novo contato com o tema do envelhecimento, despertando a princípio curiosidade para o estudo teórico e depois empatia, por ser um momento também vivenciado em família com os meus pais. Após esse breve conhecimento teórico do tema percebi que este tema implica sobre a minha própria vivência e como descreve Beauvoir “[...] paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles” (Beauvoir, 1990, p. 12). A partir disto ocorreu uma releitura sobre minha própria vivência e o meu próprio processo de envelhecer, realizando mudanças no meu comportamento e forma de ser.

Esta pesquisa está inserida no programa de Mestrado de Psicologia Social e da Saúde da Universidade Tuiuti do Paraná, na linha de pesquisa de promoção da saúde, sobre envelhecimento humano e os sentidos atribuídos a participação em um grupo de convivência.

A partir do exposto, pretende-se nesta pesquisa responder às questões: Quais são os sentidos da participação em grupos de convivência para idosos? Quais práticas auxiliam a construção de sentidos e o enfrentamento das questões relacionadas à velhice?

A pesquisa será realizada a partir da perspectiva construcionista social que compreende a realidade como derivada das trocas linguísticas estabelecidas pelas pessoas nos seus diferentes espaços de pertença e nas diferentes comunidades linguísticas que organizam e atribuem sentido às experiências vividas. Os significados construídos a partir das trocas linguísticas possibilitam as elaborações do mundo e de si mesmo, atribuindo sentido às práticas cotidianas (Spink & Frezza, 1999). O sentido, nessa perspectiva, “nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências.” (Berger

& Luckmann, 1995, p. 15). Além disso, a pesquisa, nesta perspectiva, é compreendida como uma prática social, pois promove trocas linguísticas e produção de sentidos sobre a temática proposta na medida em que possibilita que as experiências vividas se organizem em novas narrativas e em novos campos de sentido (Grandesso, 2017).

Portanto o objetivo deste estudo é analisar os sentidos da participação em um grupo de convivência por idosos na cidade de Curitiba-PR.

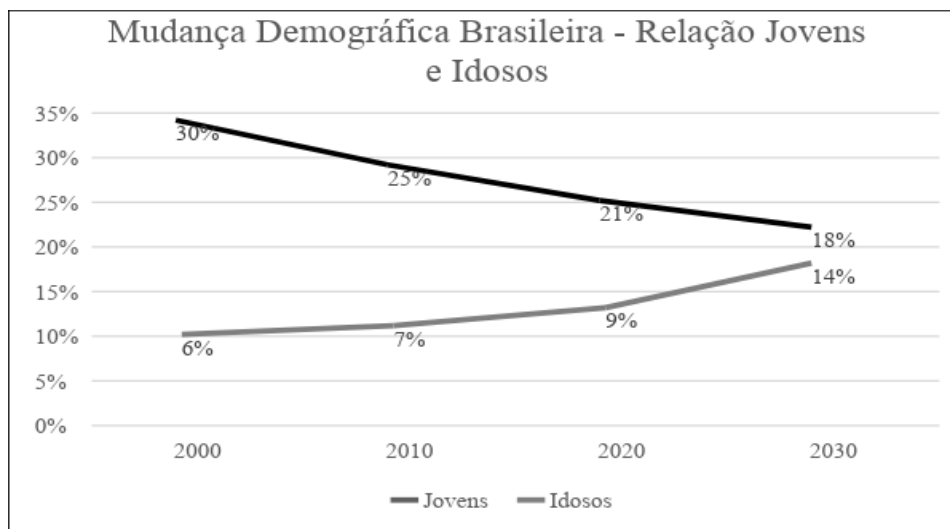
Entende-se que os dados provenientes podem contribuir para a compreensão das práticas que vêm sendo utilizadas em grupos de idosos e de que maneira auxiliam no processo de construção de sentidos sobre o envelhecimento. A partir desta compreensão pode-se fomentar ações para orientar as propostas de atividades direcionadas para o público idoso como propósito de promover o envelhecimento ativo.

2. Revisão de Literatura

2.1 Velhice e envelhecimento – panorama demográfico, histórico e social

Paiva (2014) relata que em 2025 o Brasil ocupará o sexto lugar no ranking mundial de população idosa, em termos plenos, e que este crescimento é maior na população de 75 anos ou mais. Sendo assim, se constata que há cada vez mais idosos na população. A tabela 1 mostra a diminuição no contexto demográfico brasileiro, iniciando a projeção em 2000 com 6%, aumenta em 2030 para 14% de idosos, o que indica um acréscimo de 8% de aumento da população idosa brasileira.

Tabela 1. Mudança demográfica brasileira



Fonte: IBGE (2016)

Ramos, Veras e Kalache (1987) ressaltam que a redução da mortalidade infantil que tiveram suas causas nas melhorias das circunstâncias da saúde, assim como o aumento de renda familiar e a diminuição da fecundidade, interferem de forma considerável para estes dados, indicando assim esse acréscimo na idade populacional.

O envelhecer é um fenômeno complexo que exige cada vez mais estudos multidisciplinares para seu melhor entendimento e compreensão, por se tratar de um processo multifatorial que engloba tanto questões biológicas, sociais, psicológicas e culturais (Campos, Ferreira & Vargas, 2015). Ávila, Guerra e Menezes (2007) definem o envelhecimento como um processo inerente ao desenvolvimento humano e que estará em maior evidência na última fase do ciclo de vida, a velhice. As fases referentes a infância, adolescência e maturidade são marcadas por aspectos próprios e por mudanças biopsicossociais específicas, a velhice também engloba essas transformações dependendo de cada indivíduo. Tal fato é influenciado tanto pelo estilo de vida, genética, meio ambiente e situação nutricional de cada um, além dos aspectos sociais, culturais e psicológicos. A inter-relação desses aspectos influenciam de forma positiva ou negativa o envelhecimento, assim como seu significado.

Para Schneider e Irigaray (2008), as representações sobre o velho e a velhice são fortemente influenciadas pela cultura de uma determinada sociedade, que informa seus integrantes sobre como lidar com os mais velhos, com base no que é valorizado e almejado em determinado momento histórico. Dessa forma, destaca-se a necessidade premente de desconstruir alguns valores edificados socialmente, dentre os quais a supervalorização do "novo", do jovem em detrimento do idoso, tido muitas vezes como "velho". Vale ressaltar que o termo *velho*, além de ter conotação pejorativa, fornece uma imagem negativa desse indivíduo, muitas vezes acompanhada pelo desrespeito.

De acordo com Ferreira (1993, p. 292), o termo *idoso* está definido como "que(m) tem bastante idade; velho". Para a mesma autora, *velho* significa "muito idoso; antigo; gasto pelo uso; desusado; obsoleto" (1993 p. 561). Essa definição traz uma conotação repleta de depreciação e desvalorização do idoso. As sociedades ocidentais ao mesmo tempo em que glorificam a conquista de uma maior expectativa de vida, nem sempre valorizam o envelhecimento e a velhice. As sociedades capitalistas tendem a valorizar o que é novo e

desvalorizar o que é velho, movimento que contribui para enfraquecer o lugar social dos mais velhos (Birman, 1995). De acordo com Jones (2006), outro fator que contribui para a visão negativa do envelhecimento é o destaque à juventude, ao belo, ao novo, a produção e reprodução humana, sendo assim, as qualidades negativas ficam voltadas somente para os velhos, que não tem mais as características citadas acima.

Ao contrário dessa concepção, os gerontólogos afirmam que o processo de envelhecimento começa desde o momento da concepção. A velhice é então definida como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando vulnerabilidade e incidência de processos patológicos, que em algumas vezes resultam na morte. Conclui-se, portanto, que o processo do envelhecimento não é um processo unilateral, mas a soma de vários processos, os quais envolvem aspectos biopsicossociais (Schneider & Irigaray, 2008).

A velhice e os idosos foram vistos e tratados de formas diferentes ao longo da história, o que demonstra o quanto o contexto social e histórico influenciam essas mudanças. Dátilo e Horiguela (2007) discorrem sobre a cultura japonesa entre os séculos XVIII e XIX, na qual o idoso era visto como uma pessoa com sabedoria e conhecimento, detentores dos costumes e valores locais ocupando lugar de prestígio na comunidade. Desta maneira, a sociedade japonesa valoriza as pessoas idosas nos dias atuais.

Ainda no mesmo período histórico, com a transformação social proporcionada pela revolução industrial, que teve seu início na Inglaterra e após se ampliou pelos outros países, os governos começaram a valorizar a mão de obra dos trabalhadores. Tal cenário impulsiona gradativamente uma mudança de paradigma, levando ao investimento nas condições biológicas dos cidadãos e nas condições sanitárias dos ambientes para a garantia da mão de

obra (Gottlieb, Schwanke, Gomes & Cruz, 2011). Outra consequência deste período foi a medicalização, as vacinas, técnicas de pasteurização e esterilização e de programas de saúde pública (água potável, esgoto e entre outras), influenciando diretamente na diminuição das taxas de mortalidade devido o fortalecimento da medicalização, o que acabou interferindo no prolongamento da vida e conseqüentemente no aumento de pessoas na velhice e na associação entre velhice e doença (Souza & Melo, 2017). Diante da transição epidemiológica e demográfica, considerando as necessidades de atenção especial a saúde da pessoa idosa, em 1999 foi instituída a Política Nacional de Saúde do Idoso. O propósito de tal Política é a promoção do envelhecimento saudável, manutenção e melhora da capacidade funcional da pessoa idosa, a prevenção, recuperação e reabilitação, de modo a garantir-lhes permanência no meio em que vivem (Brasil, 1999). Contudo, a Política proposta encontra grandes entraves na sua execução, como a deteriorada estrutura de saúde pública na qual o Brasil se encontra.

No séc. XIX com a influência do evolucionismo e a diminuição nas taxas de mortalidade houve a expansão de estudos do ser humano pela Psicologia do Desenvolvimento. Esta ciência investiga os processos psíquicos, cognitivos e afetivos de acordo com faixas etárias e delinea o desenvolvimento humano com seus aspectos sociais, relacionais e emocionais. O foco desta área de estudo esteve centrado na infância e adolescência, por se entender que o desenvolvimento se dava neste período de ascendência e que após a adolescência, o ser humano atingia um platô, correspondente ao período de estagnação na maturidade e logo após seguiria a decadência na velhice. Sendo assim, a velhice não era considerada uma etapa de desenvolvimento e, portanto, não foi objeto de estudo da Psicologia do Desenvolvimento até meados do século XX. A visão predominante era da velhice como fim da vida e do desenvolvimento humano, na qual os velhos perdiam seu valor social por se tornarem inaptos para a produção. Perdas e finitude, eram as temáticas centrais associadas à velhice e ao envelhecimento, fixando a visão negativa em relação a esta

etapa da vida. Mesmo com o aumento do número de idosos, a importância do seu papel social perdeu a magnitude, deixando-os ocupar um espaço de exclusão no âmbito social (Hillman, 2001; Ruschel & Castro, 1998).

No século XIX a família nuclear se tornou foco de interesse dos estudos face ao novo fenômeno da queda de fecundidade humana. Segundo a ONU (2015), tal fenômeno impulsiona transformações econômicas, familiares e sociais: redução da mortalidade infantil, melhor acesso à educação, oportunidades de emprego, esforço populacional pela igualdade de gênero, desenvolvimento da saúde reprodutiva e a promoção do planejamento familiar. Essas transformações promoveram avanços na área da saúde e a promoção das políticas públicas para o envelhecimento.

No século XX, com o aumento no contingente de idosos no mundo, o envelhecimento passa a ser mais estudado principalmente pela gerontologia, ciência que estuda o envelhecimento humano nos aspectos físicos, psicológicos e sociais, impulsionando o conhecimento e a mudança de paradigma. Apesar disso, Lopes e Park (2007) relatam que as concepções da sociedade contemporânea sobre envelhecimento são ambíguas e divergentes, pois de um lado se encontra visões de velhos com uma procura em manter seus corpos ativos e uma juventude eterna, por outro, há imagens de velhos doentes, solitários, assexuados e abandonados à própria sorte.

Para Zimerman (2000), a velhice tem sido associada a certas funções, adequando o indivíduo a papéis sociais a serem desempenhados decorrentes da crise de identidade – perda da autoestima, ocasionada pela ausência de papel social; mudanças de papéis – adequação a novos papéis decorrentes do aumento do seu tempo de vida. Essas mudanças ocorrem no trabalho, na família e na sociedade, e especificamente na aposentadoria - os idosos devem estar preparados para não ficarem isolados, deprimidos e sem rumo; perdas diversas – aqui se

incluem perdas no campo aquisitivo, na autonomia, na independência, no poder de decisão, e na perda de parentes e amigos; e diminuição dos contatos sociais. O mesmo autor compreende que, ao envelhecer é necessário aprender um estilo de vida novo, com o único objetivo de promover a minimização das perdas que estes idosos apresentam na sociedade.

Com o intuito de mudar as concepções negativas em torno da velhice que predominavam nas sociedades ocidentais, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) propôs o uso do termo ‘envelhecimento ativo’. Este conceito indica que as sociedades devem oferecer oportunidades para que os indivíduos possam optar por estilos de vida saudáveis e, fazer controle da sua própria condição de saúde e melhorar sua qualidade de vida. Tal perspectiva assume a possibilidade de que o envelhecimento possa ser vivido como um processo positivo e a velhice como uma etapa da vida que pode ser acrescida de saúde, bem-estar, prazer e qualidade de vida. Na mesma direção, Teixeira (2004) expressa que as condições de vida e as oportunidades que os sujeitos desempenham ao longo da vida influenciam diretamente o envelhecimento saudável do idoso, pois para este autor, a velhice é fruto da trajetória social exercida pelo indivíduo desde o nascimento.

Silva, Vergara e Silva (2015) indicam uma visão de que o envelhecimento é algo muito mais amplo do que só evitar ou retardar doenças. Deve-se compor qualidade neste momento da vida com cidadania, inclusão social, cultural, educacional e relações interpessoais estimuladas com ações diretas do Estado com políticas públicas voltadas para este desenvolvimento.

2.2 O idoso e a conquista de direitos: proteção e participação

Segundo Silveira et al. (2007), políticas públicas podem ser entendidas como “um conjunto de normas que respaldam os direitos dos indivíduos em todos os níveis e setores da

sociedade” (p. 21), pelo fato de que representam resposta às necessidades sociais, e devem ter como premissa a equidade e igualdade, especificamente no Brasil, essas premissas tiveram mais força com a Constituição de 1988.

Com a Constituição Cidadã os idosos passaram a ter anteparo jurídico com a imposição à família, à sociedade e ao Estado do dever de ampará-los. De acordo com os autores (Fernandes, 1997; Uvo & Zanatta, 2005), alguns direitos foram assegurados como: aposentadoria geral, previdência social, garantia e prioridade na saúde, suporte a participação social, amparo à moradia, alimentação e qualidade de vida. Da mesma forma na área de cultura esporte e lazer com iniciativa de integração social propiciando a identidade cultural para preservação da memória dos idosos, gratuidade dos transportes públicos, preferência em vagas de estacionamentos públicos e privados, igualmente com as suas garantias e direitos na sua vida social.

Após a constituição os direitos foram garantidos pelo LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social (Lei n 8.742/93) que garantiu os benefícios de salário-mínimo mensal para idosos e pessoas com deficiência que não tenham condições financeiras para o próprio sustento, o que possibilitou a inclusão social (Gomes, 2002).

A Política Nacional do Idoso (PNI), instituída pela Lei 8.842/94, regulamentada em 3 de junho de 1996 através do Decreto 1.948/96 norteia a seguridade, a participação social, a defesa da dignidade entre outros direitos, como garantias sociais e práticas governamentais para dignidade do idoso, assim como a consolidação dos órgãos que protegem e promovem essas ações (Costa, 1996; Fernandes, 1997). Considerando as necessidades de atenção especial a saúde da pessoa idosa, em 1999 foi instituída a Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI), com o propósito de um envelhecimento com promoção, manutenção e melhora do estado geral de saúde do idoso, propiciando um trabalho com prevenção, recuperação e

reabilitação (Brasil,1999).

Em 2003 foi elaborado o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03) que foi um avanço com relação a PNI, representando um progresso nos direitos dos idosos com coberturas sociais e também nas áreas da saúde, segurança, mobilidade, acessibilidade, moradia, lazer e cultura (Veiga-Júnior & Pereira, 2005).

Segundo Poltronieri, Costa e Soares (2011), entende-se que mesmo com todas essas leis e estatutos implantados até a atualidade, não há qualidade adequada aos serviços destinados aos idosos, pois as desigualdades sociais, as estruturas precárias para os atendimentos na área da saúde dificultam alcançar a qualidade almejada.

2.3 Grupos de convivência para idosos possibilidades de participação social

Schmidt e Silva (2012) apresentam uma visão da velhice com participação social e desenvolvimento político, deixando claro que o envelhecimento se torna um processo social, com participação em grupos, tornando-os mais ativos nas suas comunidades, mostrando para a sociedade que a velhice também pode ter um lado positivo e com ações considerando a singularidade das pessoas. Na mesma direção, a OMS (2005) indicou os três pilares da estrutura política para o envelhecimento ativo: participação, saúde e segurança. Os idosos devem ter uma participação social de acordo com suas necessidades, capacidades e desejos. O termo “ativo” refere-se à participação constante nas questões sociais, econômicas e culturais, e não só a capacidade de estar ativo ou com ausência de doenças ou de força de trabalho, pois os idosos que se encontram manifestando alguma doença ou necessidade especial continuam contribuindo de forma ativa nas suas comunidades, famílias e país.

Segundo a OMS (2005), o objetivo do envelhecimento ativo é o aumento da expectativa de vida e o bem-estar dentro das possibilidades de cada ser, de saúde, condição financeira e familiar, este objetivo para ser realizado deve abranger programas e políticas

públicas que promovam relações sociais e saúde mental, pois a participação social em grupos contribui para o desenvolvimento de um envelhecimento com mais qualidade.

Os grupos de convivência para idosos têm sido pesquisados por diferentes autores que enfatizaram a avaliação da qualidade de vida entre idosos participantes. Silveira e Portuguez (2017) evidenciaram que a prevalência de ansiedade, sintomas depressivos e declínio cognitivo foram baixos, repercutindo positivamente na qualidade de vida dos idosos. Pereira (2015) encontrou relação entre qualidade de vida e estado nutricional dos participantes de um grupo de idosos pesquisados. Miranda (2014) identificou vários fatores associados que comprometem a qualidade de vida dos participantes, por isso concluíram que garantir um envelhecimento ativo e saudável para esta população é um grande desafio. Leite et al. (2012) pesquisaram vários domínios da qualidade de vida dos idosos, sendo que os aspectos emocionais e físicos obtiveram melhores médias. Os resultados de Rocha et al. (2010) indicam que a percepção negativa da qualidade de vida está relacionada ao domínio meio ambiente, sendo que as idosas mais velhas possuem uma percepção mais otimista desse domínio quando comparadas às idosas mais jovens, portanto indicam a necessidade de melhorias das condições de moradia, serviços de saúde e condições de renda para atender a população idosa do município.

O estado cognitivo de idosos em grupos de convivência foi avaliado (Campos & Felipe (2016; Lima et al., 2017; Silveira & Portuguez, 2017; Yassuda & Silva, 2010), e foram identificados menores níveis de declínio cognitivo entre os participantes, achados justificados por serem idosos mais ativos, assim como, as atividades desenvolvidas protegeram os participantes do declínio. Na mesma direção, (Lima et al., 2012; Silveira & Portuguez, 2017; Yassuda & Silva, 2010) avaliaram a presença de ansiedade e depressão entre os idosos e os resultados indicaram baixos índices de alteração do humor entre os idosos participantes. Aspectos sociais, saúde mental, vitalidade e estado geral de saúde se destacam

com as melhores médias dos escores e o quesito dor apresentou um escore baixo nos participantes, o que sugere qualidade de vida das pessoas idosas participantes do grupo, aspecto que contribui para a elaboração de estratégias para o envelhecimento ativo. Celich et al. (2010) identificaram que a participação em grupos parece gerar benefícios, por exemplo, o aumento significativo no resgate das palavras do *Consortium to Establish a Registry of Alzheimer Disease* e aumento, que se aproximou da significância estatística, da fluência verbal e satisfação com a vida em relação ao envolvimento social. Os autores concluíram que os efeitos do engajamento da população idosa nesses programas devem ser investigados.

Os autores (Oliveira, Duarte & Reis, 2016; Silva et al., 2011) buscaram o perfil epidemiológico dos participantes de diferentes grupos em suas regiões. Apesar da presença e convívio com doenças e/ou dores, e auto referenciarem a saúde como regular, os integrantes se mostraram na sua maioria independentes para as atividades básicas de vida diária e funções cognitivas preservadas. Segundo estes autores, os grupos possibilitam aos idosos manterem-se ativos e incluídos nas atividades sociais, o que melhora a autoestima e a qualidade de vida.

Ongaratto e Scortegagna (2016) pesquisaram as habilidades sociais e autoestima entre idosos. Identificaram que o afeto, autoestima, habilidades sociais e comunicação demonstram um índice maior quando os idosos participam de grupos de convivência e que há um declínio da agressividade nos participantes. Wanderbroocke, Wiedemann e Bussolin (2015) buscaram caracterizar as relações familiares e sociais de idosas participantes de um grupo de convivência de uma comunidade de baixa renda, realizado no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que atende a uma comunidade na região metropolitana de Curitiba-PR. Foi possível perceber a importância atribuída a vida familiar pelas participantes, que a consideraram como organizadora de suas vidas. As idosas exerciam papel central na família, tanto pelo desempenho das tarefas domésticas, quanto de orientações e cuidados, pois

se mantinham saudáveis e ativas. Para a maioria das entrevistadas o CRAS tem um papel socializador que proporciona o sentimento de pertencimento devido a identidade grupal.

A percepção que os idosos frequentadores de grupos de convivência têm sobre a velhice foi pesquisada por Araújo (2015) que elencou cinco categorias entre as respostas: o cuidado na velhice; as possibilidades de aprender na velhice; os laços afetivos do cuidado na velhice; a liberdade de ir e vir na velhice: a descoberta da autonomia; e o cuidado como atitude geral, conjunto de práticas na velhice. Segundo Both et al. (2012), os idosos percebem o envelhecimento como processo natural, com fragilização corporal, que limita o desenvolvimento de atividades cotidianas. Em relação aos grupos, compreendem que são espaços de construção e fortalecimento de amizades e desenvolvimento de atividades.

Os benefícios da participação foram relatados por idosos entrevistados por Wichman et al. (2013) no Brasil e na Espanha, que apontaram que as relações sociais e o suporte social, sendo este emocional, instrumental ou informacional, favorecem a melhora da saúde. As atividades mais comentadas e realizadas pelos idosos, do Brasil e da Espanha, são aquelas relacionadas à sociabilidade, expressas no contato com os amigos, ocasião em que buscam compartilhar alegrias, tristezas e conhecimentos.

Daher e Debona (2010) buscaram compreender as motivações que impulsionam mulheres idosas a procurarem grupos de convivência, e também analisar as estratégias que contribuam para a reelaboração e reinvenção de saberes e fazeres em seus cotidianos. Concluíram que os grupos podem recriar formas de conceber e viver o envelhecimento, tornando-o ativo e expandindo a possibilidade de inclusão social. Nessa mesma perspectiva, Rizolli e Surdi (2010) verificaram que a participação nos grupos trouxe a valorização. Muitos participantes relataram que as atividades realizadas nos grupos contribuíram para o desenvolvimento das funções da vida diária, além de obter um reconhecimento e valorização,

tanto pelos familiares como pela sociedade em geral. Para estes autores, a participação nos grupos é de suma importância na busca para alcançar qualidade de vida, ao considerar que a participação nos grupos significa, para os idosos, uma forma de voltar para a sociedade, pois na maioria das vezes, quando se deparam com a velhice, enfrentam graves problemas, devido à perda de alguém próximo, como amigos ou parentes, incluindo-se também a troca do trabalho pela aposentadoria, o reconhecimento social, entre outros. A inclusão dos idosos nos grupos de convivência possibilitou inúmeras descobertas, no entanto, oferece a essas pessoas a oportunidade de saírem de casa e se integrarem a projetos coletivos, que reforçaram as redes sociais de apoio, fortaleceram a autonomia e abriram espaço para novos projetos de vida.

Silva, Caminha e Gomes (2013) buscaram conhecer a percepção corporal dos integrantes identificando que a sociedade atua de forma significativa nas percepções dos idosos sobre o envelhecimento e sua autoimagem. Por outro lado, Bevilacqua et al. (2013) buscaram esse espaço para analisar a percepção e a vivência de mulheres idosas acerca da sexualidade na velhice. Os resultados indicaram a importância de reconhecer os principais aspectos que interferem, de maneira positiva e negativa na prática da sexualidade na velhice, o que possibilita elaborar estratégias de educação em saúde para esse contingente populacional, considerando as dimensões física, emocional e cultural.

Esses estudos supracitados indicam que os grupos ajudam os idosos nos aspectos da inclusão social, na percepção do envelhecimento, autoimagem e na percepção dos pontos positivos e negativos da sexualidade na terceira idade. Nestas pesquisas, pode-se observar a importância de se estudar estes temas no processo de envelhecimento humano, o que indica a importância dos grupos para a inclusão social e participação social, oferecendo espaço para a superação de perdas sofridas durante o processo de envelhecimento: perda de autonomia e trabalho, meio social, parentes e amigos. Neste sentido, a integração social propicia a

construção de sentidos para o envelhecimento.

Por outro lado, poucos pesquisadores têm se dedicado a descrever o processo e as práticas realizadas nos grupos de convivência. Dentre estes, Lourenço & Massi (2011) apresentou uma análise qualitativa a respeito da compreensão dos sentidos atribuídos pelos idosos à experiência de escrever partes das histórias da própria vida de um grupo de Oficina da Linguagem, concluindo que a linguagem os organiza e se reorganiza ao longo de sua vida. Estes idosos por meio de sua escrita autobiográfica perceberam as demandas de sua idade e do sentido do envelhecimento.

3. Objetivos

3.1 Objetivo Geral

Analisar os sentidos da participação em um grupo de convivência para idosos na cidade de Curitiba-PR.

3.2 Objetivos Específicos

- Conhecer os motivos para a busca do grupo de convivência pelos idosos.
- Identificar as práticas desenvolvidas pelos idosos no grupo de convivência.
- Reconhecer os sentidos atribuídos às práticas e de que maneira contribuem para o enfrentamento do processo de envelhecimento.

4. Método

4.1 Referencial teórico-metodológico: O Construcionismo Social

Segundo Gergen (1985), o construcionismo social tem sua base nos processos cotidianos, nas experiências vividas, faladas e experienciadas no contexto em que essas pessoas vivem. Gergen (1985, p. 266) afirma que “a investigação construcionista preocupa-se com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem (incluindo elas mesmas)”, ou seja, a importância da interação e como percebem o meio em que vivem são pontos principais para a teoria construcionista, pois o conhecimento é algo construído no coletivo em determinado contexto. A realidade dos sujeitos deve ser concebida de uma maneira sistêmica e dinâmica, o ser humano deve ser visto como um ser em interação que se estabelece por meio da linguagem (Berger & Luckmann, 1995; Iñiguez, 2004; Nogueira, 2001; Spink, 2004; Vigotski, 1999).

Nogueira (2001, p.146) apresenta que o anti essencialismo representa outra característica do construcionismo, pois não há uma verdade única nos fatos humanos, porque esses são criados nas interações, “questionando os pressupostos do essencialismo, a teoria construcionista social deslocou o foco da atenção da pessoa para o domínio social”. Os fenômenos sociais são então problematizados “[...] buscando sua origem, seu processo, os efeitos que geram, a quem beneficiam, a quem prejudica, por que aparece em determinado momento e não em outro” (Iñiguez, 2004, p. 127). Assim, o construcionismo questiona princípios ou verdades que já estão presumidos.

Ibáñez (2004, p.46) indica que linguagem “é a própria condição de nosso pensamento, ao mesmo tempo em que é meio para representar a realidade”, a linguagem é a expressão dos conteúdos mais significativos dos sujeitos que possibilita o entendimento para a interação com o meio. No mesmo sentido, (Foucault, 1977; Iñiguez, 2004) indicam que a linguagem

não é apenas uma forma de expressão, mas uma troca na qual as manifestações de poder e do saber se manifestam.

Spink (2004, p.81) expõe sobre o conceito de papel social no construcionismo: “a noção de papéis tem um ranço de essencialismo. Já a noção de posicionamento é absolutamente fluida: as posições de pessoa são posições evocadas no processo de interanimação dialógica que pontua nossas interações”, ou seja, não existe um papel fixo já que os seres são fruto da interação social estabelecidas pelas suas práticas discursivas.

Em síntese, o construcionismo se mostra relativista, pois para Edwards (2004), esta é posição que o pesquisador precisa buscar quanto à “verdade” ou “certeza” dos fatos expostos pelos objetos investigados. "É difícil muitas vezes sairmos dessas construções e olhá-las de fora porque estamos habituados e socializados nessas matrizes. A postura construcionista tem que ser relativista por princípio: não aceitando isso, não se está fazendo uma pesquisa construcionista" (Spink, 2004, p. 28).

4.2 Desenho

Quanto ao delineamento, esta pesquisa é qualitativa, descritiva e exploratória. Para Goldenberg (1997), a pesquisa qualitativa busca o aprofundamento da compreensão de um grupo social, pois as ciências sociais pressupõem uma metodologia própria, centrando sua compreensão e explicação na dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca os significados, motivos, aspirações, crenças e atitudes enfatizando as relações, os processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a instrumentalização das variáveis. Segundo Minayo (2001), as características principais da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os

objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. Flick (2009) defende uma visão flexível da pesquisa qualitativa com foco nas necessidades que aparecem ao longo da pesquisa, buscando a análise e respeitando a diversidade das relações que se estabelecem dentro de um contexto social e as suas práticas discursivas. Spink (2004) apresenta como a linguagem é usada como prática social, pois esta implica na interação entre informações, particularidades, e objetivos no contexto social e histórico em que está inserida. Essas características descritas delineiam de forma que a pesquisa qualitativa seja a mais apropriada para ser usada no desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que esta pesquisa aconteceu dentro de um contexto, onde as características citadas por Spink (2004) se tornam visíveis, a partir das entrevistas realizadas.

Com relação ao delineamento descritivo, este tem como finalidade descrever os fatos, fenômenos e características de determinada realidade, assim como sua população ou fenômeno ou a relação entre as variáveis (Gil, 1999). Em uma pesquisa exploratória se busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, no grupo pesquisado os dados foram primeiramente coletados, depois descritos e por fim analisados buscando informações sobre o tema da pesquisa (Cervo, Bervian & Silva, 2007). Sampieri, Fernandez e Lucio (2013) indicam que o objetivo desta pesquisa é familiarizar-se com um assunto pouco conhecido ou explorado para torná-lo mais compreensível ou desenvolver hipóteses, sendo que a grande maioria dessas pesquisas envolvem: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise dos exemplos e compreensão destes, pois este tipo de pesquisa pode geralmente assumir a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso. Este tipo de pesquisa desenvolve, esclarece e modifica conceito e ideias para a formulação de questionamentos posteriores, proporcionando ao pesquisador um maior conhecimento sobre o assunto para formular novos problemas, ou

problemas mais precisos ou hipóteses que possam ser pesquisadas posteriormente (Gil, 1999).

4.3 Participantes

Participaram 10 idosas vinculadas a um grupo de convivência, com idade entre 65 a 82 anos, da religião Luterana, sendo todas do sexo feminino, aposentadas, de descendência alemã. Quanto ao estado civil, nove eram viúvas e uma casada, em relação ao número de filhos uma pessoa relatou ter três filhos e as outras tem dois filhos. Cinco participantes tinham escolaridade superior e cinco haviam cursado o ensino secundário. As dez participantes informaram renda mensal entre dez e trinta mil reais mensais. Nove participavam por iniciativa própria e uma indicada por amigos, com relação ao tempo de participação no grupo, uma entrevistada frequentava o grupo convivência há três anos, duas entrevistadas há dois anos, outras duas há 20 anos, duas entrevistadas há 40 anos e três entrevistadas há 7 anos

As entrevistadas também relataram sobre as outras atividades que realizavam além do grupo de convivência: uma entrevistada relatou que participa de grupos de coral, seis relataram fazerem exercícios físicos como, musculação, ginástica, yoga, dança circular e hidroginástica, e três entrevistadas relataram participar de outros grupos de artesanato, sendo que uma entrevistada relatou que além da atividade física, como a musculação, também realiza aulas de inglês e francês.

4.4 Local

A pesquisa foi realizada em uma comunidade religiosa, situada na cidade de Curitiba – PR, vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. A religião luterana, é uma das derivações da Reforma protestante, liderada por Martinho Lutero que lutava pela descentralização do poder, e todas as igrejas que seguem sua doutrina, têm uma

administração baseada num conselho de membros, e não numa única pessoa. Segundo a ideologia de Lutero, para cada igreja construída, deveria ser construída uma escola. Em Curitiba, o colégio Martinus, personifica o ideal luterano. Os luteranos baseiam sua fé e doutrina nas Escrituras Sagradas, no Credo da Igreja Antiga, na confissão e no catecismo (<http://comunidadeoredentor.com.br/redentor150anos>, recuperado em 09 de outubro, 2018).

A igreja disponibilizava espaço para atividades comunitárias e para o grupo de convivência de idosos existente há mais de 50 anos. As participantes do grupo se encontravam semanalmente para a realização de atividades: cânticos gospel, ouvirem a palavra do pastor ou de um outro membro do grupo que se dispunha a se pronunciar por meio de uma leitura bíblica ou de relato de experiência pessoal, sendo que após essas falas era debatido entre os participantes os temas das pronúncias realizadas, assim como a abordagem de outros temas. Também realizavam bordados referentes às datas comemorativas, como páscoa, natal entre outros, assim como organizavam vendas de bolos e artesanatos de bijuterias e ou adornos domésticos como velas aromáticas, sabonetes decorados, sprays para o ambiente, entre outros para venda na comunidade local ou para projetos da própria igreja geradores de renda. Na igreja existiam vários projetos de auxílio infantil, juvenil e adultos para inserção no mercado de trabalho e estudo, o que promove inserção social. O grupo se encontrava todas as quintas-feiras, das 14hs às 17hs e no final do encontro realizava-se um lanche com os alimentos produzidos pelas participantes.

Havia dois grupos, um da terceira idade que se reunia uma vez por mês e outro grupo com as mesmas integrantes, com idade em torno dos 50 anos em diante que era realizado semanalmente, sendo que os dois grupos aconteciam no mesmo local. A coleta da pesquisa foi realizada com as participantes dos dois grupos com idade superior a 60 anos.

O grupo da terceira idade que se reunia uma vez por mês, tinha o início realizado com

cânticos religiosos e logo após o pastor iniciava uma fala, que às vezes era uma oração. Em outros momentos ocorria a dinâmica e orações, e logo após um debate sobre os temas trazidos. Os debates nem sempre tinham ligação com o que o pastor havia trazido ou abordado na sua fala. Após esse momento, as participantes realizavam um lanche, e todos os membros compartilhavam conversas sobre as suas vivências, acontecimentos sociais, familiares e políticos, como também, receitas dos bolos produzidos para o lanche. Semanalmente este mesmo grupo e alguns outros integrantes mais jovens (em torno de 50 anos) se encontravam para fazer artesanatos, conversar e compartilhar as suas vivências, assim como troca de receitas, benefícios de medicações, entre outros assuntos, e logo após realizavam um lanche onde cada membro era determinado a trazer algum alimento para o café. Esses alimentos eram determinados pela presidente do grupo, que definia por rodízio quem iria trazê-los e os membros do grupo estipulavam o que iriam trazer no dia, que geralmente eram confeccionados pela própria participante (motivo de orgulho para estas, pois demonstravam através deste “fazer o lanche” o quanto ainda estavam ativas e participativas do grupo, da comunidade e da sua própria família, pois muitas vezes esses familiares ajudavam na execução de compra dos ingredientes para estas realizarem a confecção do alimento que estas levariam).

4.5 Instrumentos

A coleta de dados foi efetuada com questionário sociodemográfico e logo após entrevista semiestruturada realizada de forma individual, que segundo Minayo (2009), o entrevistado tem a liberdade de acrescentar às suas respostas e também realizar mais questionamentos. As entrevistas foram realizadas no período de 13 de setembro de 2018 à 20 de dezembro de 2018, gravadas em áudio e transcritas integralmente.

O roteiro foi previamente estabelecido (Apêndice 1) com os tópicos de: histórico do grupo, motivações para participação, objetivo do grupo, atividades desenvolvidas,

contribuições, participação e inserção em outros contextos e ação do grupo dentro da comunidade. A pesquisadora também descrevia suas percepções dos grupos em um diário de campo.

4.6 Procedimentos

Primeiramente foi solicitada autorização do Pastor da Comunidade posteriormente a pesquisa foi encaminhada para o Conselho de Ética (CEP) da Universidade Tuiuti do Paraná. Após a aprovação, sob CAAE 75373317.7.0000.8040 4 (Anexo 1), a pesquisadora fez contato com o grupo de idosos explicando a finalidade desta e de como ocorreria a presença da pesquisadora nas atividades mensais do grupo.

A pesquisadora iniciou acompanhando e apenas observando as atividades realizadas pelos grupos, e posteriormente realizou uma breve explicação de como seria realizada a pesquisa através de entrevistas individuais e questionário com questões semiabertas. A pesquisadora iniciava observando cada reunião e conhecendo as atividades e particularidades de cada grupo.

Com aquelas que aceitaram participar foi combinado data e horário, de forma a não interferir nas atividades desenvolvidas pelo grupo. Antes do início da entrevista foi solicitada a assinatura de TCLE (Anexo 1).

O grupo da terceira idade apresentava reflexões e todos os participantes opinavam de maneira livre e aberta, e à disposição deste grupo se encontrava na maior parte dos encontros em formato de círculo, o que propiciava uma abertura para discussões e debates. Já o grupo de artesanato se dispunha em volta de uma mesa retangular, na qual os artesanatos eram dispostos, este grupo apresentava um enfoque com subgrupos no qual as participantes se reuniam em conversas mais intimistas, porém sem muita reflexão ou reformulações mais tímidas, essas aconteciam de forma sutil dentro de cada subgrupo produzido de forma aleatória entre as participantes. Ao final de cada encontro eram realizadas as entrevistas individuais que já eram marcadas previamente ou por telefone ou convidando-as a participar antes do começo de cada reunião. As entrevistas eram realizadas após o momento do lanche,

ou seja o final de cada grupo, em uma sala cedida pela igreja que se encontrava próxima ao salão onde era realizado o grupo, sendo que a entrevista era iniciada com o questionário sociodemográfico e após seguia o roteiro semiestruturado.

4.7 Análise dos Dados

A análise possui como referência as Práticas Discursivas de Spink e Medrado (2013), que colocam a linguagem como uma prática social. Nesta busca-se trabalhar a expressão e produção da linguagem, tanto no contexto social, como interacional e histórico, usando os diferentes níveis de análise, sendo necessária a distinção entre discurso e práticas discursivas.

O discurso se remete somente as linguagens institucionalizadas e esta institucionalização pode ocorrer tanto num nível macro e micro dos grupos sociais, ou seja como cada grupo se coloca no discurso de cada assunto. A autora cita o exemplo de como os médicos falam sobre um diagnóstico aos seus pacientes e como fala aos seus próprios colegas médicos (Spink & Medrado, 2013).

Essa forma institucionalizada tem uma permanência no tempo, diferente do contexto histórico em que está inserida que muda os discursos, o contexto dos discursos, o espaço, o tempo consente com a forma das enunciações, o *speech genres* ou gêneros da fala, essas falas buscam harmonia com o contexto em que estão inseridas, tempo e interlocutores (Spink & Medrado, 2013).

Assim é inegável que existam regras linguísticas que orientem as práticas cotidianas e tendem a manter e reproduzir os mesmo discursos, pois sem estas regras seria impossível viver em sociedade, porém, embora exista essas regras, há também o respeito à diversidade e não regularidades presentes no dia-a-dia das pessoas, e é exatamente essa quebra que torna possível atribuir clareza aos sentidos, que é o ponto central da Psicologia Social, como por exemplo as perguntas realizadas na entrevista desta pesquisa, as quais podem gerar no

entrevistado reflexões que podem produzir práticas, ainda que não necessariamente tenham haver com o tema das perguntas, pois são os entrevistados que atribuem sentido a sua fala (Spink & Medrado, 2013).

O conceito de práticas discursivas refere-se como é a linguagem em ação, ou seja, como as pessoas atribuem sentido e se posicionam na relações sociais do dia-a-dia, essas práticas têm elementos como: a dinâmica ou os enunciados dirigidos por vozes, as formas que são os *speech genres* e os conteúdos que são os repertórios interpretativos (Spink & Medrado, 2013).

Os enunciados são expressões verbalizadas em ações situacionais que associada com vozes adquirem um caráter social, são diálogos, negociações que produzem o enunciado. A linguagem é uma ação que produz consequências, pois quando argumentamos estamos também realizando ações como: acusando, perguntando, justificando etc., produzindo posicionamentos entre os interlocutores, tendo ou não esta intenção (Spink & Medrado, 2013).

Esse processo descrito acima não se restringe só as produções orais, mas também as produções escritas que também são uma forma de comunicação que produzem discussões. Assim, o rádio, a televisão, a internet, também são considerados atos de fala, ou formas de fala ou *speech genres*, pois estes também produzem discussões, elogios, críticas, comentários, etc, porque estes atos não surgem do nada e sim do que o enunciante acha do que leu, ou seja do posicionamento do enunciante frente ao enunciado e do repertório interpretativo que este possui (Spink & Medrado, 2013).

Os repertórios interpretativos são fundamentais para as práticas discursivas, pois é por meio deles que é possível entender a variabilidade encontrada nas comunicações do dia-a-dia. O foco do estudo se torna exatamente a variabilidade destas comunicações, as várias ideias

que estas possuem num dado momento ou época, possibilitando vivenciar vários contextos e situações, sendo que esses repertórios são construídos histórico e culturalmente, para assim podermos entender o conceito e história da construção destes conceitos utilizados para atribuir entendimento ao mundo (Spink & Medrado, 2013).

Spink e Gimenes (1994) apresentam que essas diferentes narrações e variações de repertórios são analisados dentro desta pesquisa através de um Mapa de Associações de Ideias, que se constituem em uma tabela com colunas que categorizam os temas que organizam as entrevistas. Esses mapas sistematizam-se com a transcrição das entrevistas onde há uma síntese da fala de cada entrevistado, onde são levantados os temas discutidos, possibilitando quais temas devem ser incluídos nas colunas, organizando os conteúdos e possibilitando as interpretações (Spink & Gimenes, 1994).

5. Resultados e Discussão

Para análise dos resultados foi organizada uma tabela onde as colunas existentes trazem temas que dispõem as categorias e subcategorias das entrevistas realizadas, trazendo logo após uma síntese da fala de cada entrevistado, possibilitando visualizar os temas a serem discutidos e possibilitando a interpretação destes.

Tabela 2. Apresentação das categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias
Motivos para os idosos buscarem o grupo de convivência	Perdas
	Religiosidade
	Pertencimento
Práticas desenvolvidas	Atividades
	Orações e cânticos
Sentidos	Interação social
	Transmissão e elaboração do conhecimento
	Religião

5.1 Motivos que fizeram as participantes buscarem o grupo

5.1.1 Perdas

Nas entrevistas realizadas com as idosas sobre os motivos que as fizeram buscar o grupo, foram relatadas que após vivenciarem doenças, perdas, morte de familiares, cônjuges ou amigos e momentos de solidão buscaram o grupo, uma delas havia perdido a mãe e o marido, segue a fala abaixo:

[...] eu tinha que trabalhar, aí depois minha mãe ficou doente e eu tinha que cuidar dela e depois meu marido ficou doente, e só depois que eu pude começar a participar dessa reunião aqui, frequentar mais a igreja e participar da terceira idade, [...] Depois de tanto minhas filhas pedirem, mãe saia, faça as coisas, aí eu comecei a vir e me interessei. E eu descobri o grupo através da igreja. [...] (P2, 74 anos)

[...], porque eu sou sozinha aqui no Brasil e a minha filha mora nos Estados Unidos e então depois que eu perdi meu marido eu fiquei completamente sozinha[...] e eu tenho minha vida muito ocupada, e eu me sinto feliz por isso porque eu não posso parar pra pensar (P1, 80 anos).

Os relatos dos participantes destacam que as perdas sofridas pelos idosos trouxeram significados diferentes para as suas vidas, pois após estas perdas as idosas se propuseram a ter um novo estilo de vida, e a partir daí buscaram ajuda no grupo, onde encontraram cumplicidade e reciprocidade nas suas histórias e vivências. No relato da entrevistada 1 *[...] porque eu sou sozinha aqui no Brasil e a minha filha mora nos Estados Unidos e então depois que eu perdi meu marido eu fiquei completamente sozinha[...]* (P1, 80 anos) que expõe sobre as suas perdas vividas, pelo seu marido e filha que foi morar fora do país.

Para o construcionismo social, a realidade é entendida com a construção realizada a partir das trocas linguísticas entre as pessoas (Gergen, 1997). Este mesmo autor assinala que a investigação tem como foco principal a explicação dos processos de como as pessoas descrevem, explicam e vivem o mundo, ou seja, como as pessoas significam as situações em que vivem. Esses sentidos são realizados através da linguagem buscando a compreensão com as narrativas, argumentações, conversas etc., assim como os seus repertórios nas práticas discursivas (Spink & Medrado, 2004). Como na narrativa da fala da entrevistada 2 “(...) mãe saia, faça as coisas, aí eu comecei a vir e me interessei. E eu descobri o grupo através da igreja. [...] (P2, 74 anos) a partir do estímulo das filhas essa entrevistada começou a interagir com outras pessoas para atribuir significando às suas perdas.

A compreensão do processo de luto é uma construção social da realidade, sendo assim, o processo de luto está relacionado não só a pessoa que sofre, mas também a sua família e a comunidade em que está inserido (Gergen,1997). Spink (2004) indica que começamos a compreender a nós mesmos através das histórias que vivenciamos e ouvimos, independente de qual seja, quando algum indivíduo passa por algum sofrimento no decorrer de sua vida, isto apresentará um sentido a partir do relato desta vivência, a linguagem toma um papel importante nesse contexto para atribuir significado e forma para lidar com o processo de perda. Essa forma de se posicionar perante o conhecimento do outro e de si mesmo implica em ressignificar sua visão pessoal para englobar a visão que o grupo traz para cada participante: *nenhum ciclo é eterno nós mudamos, isso eu aprendi aqui (entrevistada estava se referindo aos ciclos da vida, que nascemos, crescemos e morremos e o quanto a troca entre os participantes, a fez perceber sobre as perdas - P8, 73 anos)*

5.1.2 Religião

Outro dado exposto pelas entrevistadas foi sobre o contexto religioso, pois os participantes se apoiavam ou apoiaram-se em algum momento da vida na questão religiosa para os seus desafios e dificuldades vividos por eles.

[...], eu venho aqui porque eu gosto de vir aqui, a igreja é bacana [...], são carinhosos com a gente, [...] (P4, 65 anos)

Neste relato pode-se observar o quanto o idoso utiliza a religião no apoio entre eles para adquirir força necessária para sua vida, e quanto a própria religiosidade representa sentido para a vida dessas idosas.

Rocha, Oliveira e Mota (2017) apresentam em sua pesquisa a experiência de um grupo de terceira idade de bairros periféricos de Fortaleza (Ce), pois os participantes do grupo tiveram mudanças positivas com a participação no grupo, estes o consideram como um lugar para compartilhar assuntos importantes da vida, para o lazer e para expressão da religiosidade com os cânticos de louvor; para resolução de problemas de saúde e social formando assim uma rede de solidariedade, como no exemplo da fala da entrevistada 2 “[...] cantar, ouvir a palavra do pastor, é muito interessante cada um dá sua ideia, as orações que é muito bacana.” (P2, 74 anos).

Os autores citados acima trazem claramente o quanto o grupo de idosos possibilita a interação social e representa um espaço para a manifestação da religiosidade, ato que possibilita esperança e desenvolvimento de fé humana.

Para Berger e Luckmann (2014), a institucionalização ajuda a compreender esses processos grupais e realidades, assim como o pensamento social e a ação dos membros de uma determinada organização ou comunidade. Para Berger e Luckmann (2014), o estudo da institucionalização é necessário para entender a necessidade, a manutenção e a transmissão de

uma organização social. Na presente pesquisa, temos o exemplo da religião, a continuidade da transmissão dessas realidades religiosas como a própria palavra do pastor, os cânticos e tudo que envolve a religião com os seus ritos e crenças, como cultos e encontros realizados no ambiente da igreja, isso é o que vai gerando a teoria institucional.

Na presente pesquisa podemos observar que os valores, crenças e costumes religiosos tais como: solidariedade, cumplicidade, afeto e união são passados de geração a geração, através de suas ações desenvolvidas no contexto religioso e familiar.

De acordo com Berger e Luckmann (2014), essas condutas institucionalizadas são realizadas através dos papéis desenvolvidos que servem para controle da institucionalização, os papéis são usados pelo sujeito para “agir” na realidade e esse agir depende de qual realidade ele está vivendo, qual papel se torna mais relevante, importante ou não naquele momento. Na pesquisa realizada, os grupos, a participação comunitária e religiosa desenvolvem este “agir”, pois os participantes do grupo da terceira idade são todos da mesma religião, assim existe uma reciprocidade entre eles propiciada, tanto pelo espaço em que este grupo se realiza como pela própria participação do pastor no começo da reunião.

5.1.3 Pertencimento

Neste item, podemos observar que o pertencimento propicia benefícios para os idosos, como aceitação, amizade e cumplicidade, fazendo-os se sentirem amparados e sentindo-se parte do grupo.

[...] porque a gente conhece outras pessoas da mesma idade e também pode participar dos problemas e alegrias, decepções e é um caminhar gratificante, e eu acho essa comunhão muito legal. (P1, 80 anos).

[...] é uma tarde que a gente pode conversar e ter essa confraternização muito alegre. (P1, 80 anos).

Através destas falas podemos observar que a participação no grupo propicia o pertencimento na comunidade local. Santos et al. (2017) indicam que participar de um grupo de idosos contribui para melhorar a qualidade de vida dos mesmos, reduzindo o sentimento de solidão e isolamento social destes.

Baseado na perspectiva construcionista social de Gergen (1997), a participação em grupo propicia a construção de novas linguagens, novas formas de ver os seus atos, transformando os sentidos e percepções pessoais, trazendo através desta nova linguagem uma nova ação para os integrantes do grupo, o que permite desenvolver uma postura crítica e reflexiva sobre o processo de envelhecimento e suas implicações sociais.

Através das falas descritas acima podemos observar que as trocas linguísticas propiciam uma ressignificação da vida das idosas participantes, e estas trocas propiciam apoio mútuo, gerando assim a inclusão dentro do grupo e da comunidade da igreja, por exemplo, a fala da entrevistada 1 [...] *por que a gente conhece outras pessoas da mesma idade e também pode participar dos problemas e alegrias, decepções e é um caminhar gratificante, e eu acho essa comunhão muito legal. (P1, 80 anos)*. Esta entrevistada deixa claro os sentimentos de gratidão e inclusão no grupo quando compartilha problemas e alegrias dos outros membros do grupo.

Rocha, Oliveira e Mota (2017) compreendem que as associações entre apoio social e bem-estar subjetivo são aspectos positivos para o idoso. Sendo assim, fica claro que o sentimento de pertencimento torna a vida destes idosos satisfatória e com qualidade de vida.

5.2 Práticas Desenvolvidas

5.2.1 Atividades

Nestas narrações, o sentimento de pertencimento aparece na subcategoria das atividades que inclui utilidade social, pertencimento, entre outros.

*[...] a gente canta e tem o **lanche** e isso é maravilhoso. (P1, 80 anos).*

*Para mim eu não acho muita diferença, por isso que eu participo de dois, (risos) aí a gente já **toma um café** e dá pra conversar bastante. Cada um dos grupos tem as suas ideias e conversamos sobre ideia de cada membro do grupo né (P2, 74 anos).*

*[...], a gente **toma um bom café**, cada um traz coisas bem gostosas né (P3, 71 anos).*

*Fazemos **bordados, artesanatos, e a gente se reúne e fazemos orações, cantamos, tomamos um café gostoso, programamos uma visita para algum doente, e às vezes fazemos uma feirinha aqui mesmo na comunidade, [...] e a gente está se programando para fazer **bijuteria** e arrecadar para ajudar o próximo projeto, estamos nos programando para fazer alguma diferente, porque queremos cativar os jovens e adolescentes, porque eles tem uma outra percepção do que a gente faz (P4, 65 anos).***

Mais trabalhos manuais, para ajudar a comunidade, tem gente que vem para ensinar a gente a fazer outras coisas. (P5, 65 anos).

De acordo com Berger e Luckmann (2014), a socialização se estabelece também enquanto processo de construção social, mesmo que este processo ainda seja único para a pessoa que está vivendo, ou o local onde se realiza, que pode ser na igreja, na escola, no trabalho, etc., pelo fato de que este processo é subdividido em socialização primária e socialização secundária.

A socialização primária se estabelece na idade infantil com os primeiros contatos sociais desta criança, as significações da realidade e suas percepções, e assim são apresentados significados aos contextos culturais em que está inserida, e neste momento somente a família e as pessoas mais próximas estão presentes. Quando esta criança avança a idade e alcança a idade escolar, a socialização secundária começa a se estabelecer, assim outras pessoas surgem neste mundo e nesta realidade, como os professores e colegas da escola. Este processo ocorre por meio da linguagem, pois é assim que o indivíduo se estabelece e vive na sociedade. Na socialização secundária, o ser humano se estabelece em novos setores no mundo objetivo da sociedade em que vive, e esta se estabelece pela linguagem, pelas trocas linguísticas, assim reformula-se todos os conceitos culturais da sociedade, revivendo crenças e valores e repensando sobre estas.

Algumas crenças e valores são acrescentados, ou seja, novas crenças, e outras são abandonadas. Através das falas acima fica explícito o quanto a socialização primária influencia a socialização secundária, pois o ato de cozinhar, cantar e os outros artesanatos realizados durante as reuniões foram passadas para estas senhoras na socialização primária, o que conseqüentemente influenciou para a socialização secundária, interferindo na maneira particular de viver o seu aqui e agora explicando-se pela sua história pessoal e familiar de socialização. Segundo os mesmos autores citados acima, “A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (Berger & Luckmann, 2014, p.175).

5.2.2 Orações e cânticos

Nesta exposição, a religião aparece como subcategoria mostrando novamente a importância desta para as participantes, mas aqui apresenta-se numa perspectiva da legitimação dos universos simbólicos.

[...] A reunião né, cantar, ouvir a palavra do pastor, é muito interessante cada um dá sua ideia, as orações que é muito bacana. (P2, 74 anos)

[...] e a gente se reúne e fazemos orações, cantamos, tomamos um café gostoso, programamos uma visita para algum doente, [...]. (P4, 65 anos)

Berger e Luckmann (2014) compreendem que a legitimação é o processo de ambicionar, objetivar os universos simbólicos, o que produz novos sentidos para assimilar significados já existentes e ligados a processos institucionais diferentes. Essa legitimação é resumidamente um processo de explicação e justificação para que as objetivações da ordem institucional sejam passadas às futuras gerações.

Berger (2005) indica que “a legitimação não importa apenas em valores, mas também em conhecimento; não diz apenas como se deve agir, mas, também, o porquê de ser das coisas”, sendo assim, se conclui que o conhecimento se torna anteriores aos valores na institucionalização.

Berger e Luckmann (2014) expõem que há quatro níveis de legitimação: o primeiro está presente nos primeiros processos linguísticos, na infância, sendo transmitido pelas objetivações linguísticas, essas objetivações são as nomeações atribuídas as coisas, objetos, parentescos, e como fazer cada ato da criança.

No segundo nível são as explicações teóricas, as que se reportam às questões mais concretas, por exemplo, os provérbios, lendas, etc. (Berger & Luckmann, 2014).

No terceiro nível são as teorias que já possuem um cunho institucionalizado, são as organizações sociais, “contém as teorias explícitas pelas quais um setor institucional é legitimado em termos de um corpo diferenciado de conhecimento” (Berger & Luckmann, 2014, p. 130) e um quarto nível constituído pelos universos simbólicos, realidades diferentes da experiência cotidiana: “que são corpos ou tradição teórica que integram diferentes áreas de

significação e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica” (Berger & Luckmann, 2014, p. 131).

O universo simbólico também tem a função da ordenação de fatos históricos de uma sociedade, colocando o passado como uma referência para os participantes do grupo. Os esquemas de manutenção do universo mais comuns são a mitologia, teologia, filosofia e a ciência. As aplicações desses mecanismos podem ser feitas de diversas formas, duas delas são através da aniquilação e da forma terapêutica. Esta segunda forma, a terapêutica, que consiste em não permitir que o indivíduo discorde das institucionalizações da realidade desenvolvendo assim, uma série de diagnósticos para poder levar à “cura” do indivíduo e reintegrá-lo à sociedade. Neste contexto, foi possível verificar que o contexto musical das entrevistadas, a música que é um dos aspectos abordados pelas participantes permite a reconexão aos seus referenciais primários, as suas histórias e lembranças de vida, assim como de pertencimento. A legitimação não importa apenas em valores, mas também em conhecimento; não diz apenas como se deve agir, mas, também, o porquê de ser das coisas. Assim, o conhecimento precede os valores na institucionalização (Berger 2005, p.129).

5.3 Sentidos para participação no grupo

5.3.1 Interação Social

Outro tópico apontado foi sobre os sentidos que os idosos atribuíam para o grupo, muitos relatos trazem que o sentimento de pertencimento e amizade representam o sentido para estas continuarem participando do grupo de terceira idade.

Eu acho muito importante porque todas nós temos uma certa idade, mas é gostoso porque a gente se entrosa com outras pessoas, e aprendemos a conviver com outras

peessoas, nos visitamos também é um aprendizado e às vezes nos visitamos fora daqui.

[...] (P1,80 anos)

Pra mim é importante porque cada pessoa é uma vida e cada um tem a sua vida, [...]

num grupo desse, mas é gratificante, construtivo. (P1,80 anos).

[...] todos os grupos que eu participo sou bem recebida e isso pra mim é muito bom

porque me sinto acolhida, [...], me senti muito bem [...] e isso pra mim é muito bom.

(P1,80 anos).

Convivência, [...], porque você pode contar como foi sua semana, os planos de cada

um, de doenças, e [...] pôr a conversa em dia. (P2, 74 anos).

Ele me ajuda a fazer novas amizades, [...] (P2, 74 anos).

[...], tem um dos participantes conversando com um dos participantes, ele é muito só,

ele é muito carente sabe, a gente conversa bastante assim, mais é como amigo

sabe,[...], a nossa amizade é bonita é de anos sabe, mais a gente se aproximou aqui

na reunião dos idosos,[...], depois aqui a gente fez amizade [...] (P3, 71 anos).

[...]. Então me vejo muito importante pelo fato de poder ajudar os próximos, e isso é

muito gratificante pra mim, saber que posso contribuir para vida do próximo. (P4, 65

anos).

[...] Cooperatividade um cooperando com o outros, aconselhamento, é muito bom o

grupo às vezes saio cansada de casa e chego ali no grupo e elas estão todas

animadas, daí a gente já se anima também, a gente passa uma tarde agradável com

peessoas lindas e incríveis. (P4, 65 anos).

Muita diferença porque nos outros não tem amizade né, nesse a gente tem amizade

(P5, 65 anos).

Tem algumas que vem e desabafam mais, outras guardam mais para si né, então a gente fala a gente conversa então uma ajuda a outra é bom a gente ter isso né, a gente ter isso é muito bom. (P6, 65 anos).

Berger e Luckmann (2014) apresentam que o relacionamento social se estabelece “face a face”, ou seja, a relação social se estabelece quando duas pessoas se integram e se percebem de forma mútua com reciprocidade subjetiva. Estes autores, relatam que a interação social é fundamental na vida, a interação “face a face” é uma das mais importantes pois é através desta que se estabelece o conhecimento deste próximo, já que nessa interação se conhece a realidade deste, sendo que mesmo assim nunca é possível conhecê-lo ou compreendê-lo por completo, como exemplo temos a fala “ [...] *todos os grupos que eu participo sou bem recebida e isso pra mim é muito bom porque me sinto acolhida, [...], me senti muito bem [...] e isso pra mim é muito bom. (P1,80 anos).* Através da linguagem esta entrevistada traz o quanto se sente acolhida pelo grupo pela própria interação face a face protagonizada pelo grupo.

Na realidade que se estabelece nessa interação tendemos a enquadrar em padrões estabelecidos, Berger e Luckmann (2014) apresentam a situação face a face como a experiência mais importante, pois se trata da interação social. “Na situação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vívido presente sou apreendido por ele. Meu ‘aqui e agora’ e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face” (p.46).

5.3.2 Transmissão e elaboração de conhecimentos

Foi possível compreender que o processo de transmissão de conhecimentos dentro do grupo propiciou um espaço de reelaboração da própria vida, desenvolvendo raciocínio crítico e autonomia através da escuta.

É bom porque a gente aprende com os outros, porque cada um tem a sua história né (P2, 74 anos).

Ah a gente sempre tem o que aprender né, a gente não é dona da verdade, tem que escutar outras pra também arrumar a cabeça, ajudam no aprendizado de como lidar com a situação de um idoso (P3, 71 anos).

Aprendizado por que a gente cresce e mais porque além da gente crescer, a gente percebe que a gente tem que ouvir os outros pq a gente percebe que aprende com as pessoas e as pessoas aprendem com a gente o importante é compartilhar trazer a paz né (P3, 71 anos).

Para Berger e Luckmann (2014), a linguagem ordena as experiências sociais, a objetivação linguística possibilita conservar e acumular experiências que apresentam um acréscimo ao conhecimento do cotidiano.

Para Berger e Luckmann (2014), esse conhecimento não serve apenas para compreensão da informação mais como um incentivo para solução de problemas e como lidar com estes de forma efetiva. Esta troca de informações que se estabelece entre os membros do grupo fornece às suas componentes capacitações para lidar com o seu próprio processo de envelhecimento, sendo assim, esta convivência entre os membros do grupo propicia um aprendizado através dos diálogos estabelecidos, do compartilhamento de saberes através de suas vivências.

5.3.3 Religião

Este elemento também foi apontado no item de atividades desenvolvidas, sendo que o item religião aparece em quase todas as subcategorias, assim existe a importância do tema

para os participantes do grupo, e pelo fato de que os encontros ocorriam em uma sala na própria igreja.

Se até aqui o senhor nos trouxe, ele continuará. (P10, 66 anos).

[...] devemos adorar somente o Senhor, adorar a Deus, a gente tem que pedir pra Deus, e Jesus é o mediador entre nós e o Pai, e o pai é perfeito[...] então Jesus vai intermediar pelo nosso pedido, [...] (P4, 65 anos).

[...] o pastor também participa dá a palavra e é um crescimento espiritual e curto, mas é válido[...], a gente canta e tem o lanche e isso é maravilhoso (P1, 80 anos).

Para Berger e Luckmann (2014), com a objetivação, as ações começam a ter significados compartilhados pela sociedade, quanto maior a disseminação da estrutura, mais ela é vista como uma boa escolha, em razão do menor grau de incerteza, ou seja, o processo de institucionalização se concretiza. Na transmissão dos saberes e na sua elaboração ocorre a sedimentação, as pessoas envolvidas neste processo fazem com que esse processo seja transmitido e sobrevive às várias gerações. Dessa forma, o processo é concluído com a formação de uma nova instituição, que pode ou não se extinguir conforme vão se formando as novas opiniões ou os participantes forem atingidos de uma forma negativa neste processo, ou também pela falta de resultados da adoção da nova institucionalização. Sua função é tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações que foram institucionalizadas. Na fala da entrevista 7, esta deixa o exemplo relatando que “*o mais importante de tudo isso (esta entrevistada estava se referindo ao grupo e a religião) é o que fica para os mais novos, para os nossos filhos e netos disso tudo que a gente vive*” (P7, 88 anos). Isto indica que uma nova institucionalização se estabelece.

6. Considerações Finais

Este estudo buscou analisar os sentidos atribuídos por idosos à participação em um grupo de convivência da cidade de Curitiba-Pr. Objetivou-se conhecer os motivos para a busca do grupo de convivência pelos idosos; identificar as práticas desenvolvidas pelos idosos no grupo de convivência e reconhecer os sentidos atribuídos às práticas e de que maneira contribuem para o enfrentamento do processo de envelhecimento.

Nas entrevistas realizadas, pode-se observar os motivos para os idosos buscarem o grupo de convivência nas subcategorias: perdas, religião e pertencimento. Na subcategoria das perdas, as entrevistadas relatam que as perdas vivenciadas por meio de doenças, morte de familiares, cônjuges, amigos, distanciamento geográfico dos filhos e sentimentos de solidão, fizeram que estas idosas fossem procurar o grupo como forma de alívio da própria solidão e novas possibilidades de lidar com as perdas vivenciadas, pois com a participação dentro do grupo essas encontraram cumplicidade e reciprocidade nas suas vivências, o que possibilitou atribuir significado para a sua vida, pois com a ação desenvolvida estas se tornaram mais fortes e acolhidas devido ao próprio auxílio oferecido pelo grupo.

A subcategoria seguinte expõe a religião como um item apresentado pelo grupo, as participantes mostraram que a manifestação da religiosidade propicia esperança e desenvolvimento da fé, categorias importantes para o enfrentamento do período em que se encontram devido à fragilidade física e perdas vivenciadas, os sentimentos de solidariedade, cumplicidade, afeto e união que a própria religiosidade proporciona fazem com que estas se sintam melhores para o enfrentamento deste período da vida.

No próximo item referente ao pertencimento apresenta que o fato da participação no grupo proporciona novas linguagens, mas também novas formas de verem seus atos,

transformando assim os seus sentidos e percepções pessoais. O apoio mútuo e esta inclusão no grupo propiciam as participantes o sentimento de pertencimento proporcionando às suas vidas satisfação subjetiva.

Na categoria das Práticas Desenvolvidas, aspecto que orienta uma ação, ou seja, o que reafirma a participação de cada idosa dentro do grupo, apresenta o sentido através dos atos de: lanchar, praticar artesanatos, realizações de cânticos religiosos, visita aos doentes, visitas entre os participantes, entre outros. Essas atividades propiciam às participantes sentimentos de pertencimento e utilidade social que proporcionam uma melhora da autoestima e a possibilidade de estas reviverem suas crenças e valores que se estabelecem através das trocas linguísticas, o que promove o repensar das suas ações.

No subitem das orações e cânticos religiosos, as participantes identificaram que por meio da música se reconectam aos seus referenciais primários que são os primeiros contatos sociais estabelecidos com os seus pais, e o quanto o processo de socialização secundária, no qual o ser humano estabelece novas significações para os seus atos, possibilitou a estas repensarem sobre suas histórias e lembranças de vida, o que gerou o sentimento de pertencimento.

E na última categoria que se refere aos sentidos para participação no grupo foram construídas subcategorias: interação social, transmissão e elaboração de conhecimentos e religião. Na subcategoria interação social, o sentimento de pertencimento, cooperatividade e amizade entre as participantes do grupo representam o sentido para estas continuarem suas participações contribuindo para uma maior interação social entre as participantes. A transmissão e elaboração de sentimentos fez com que as participantes desenvolvessem um raciocínio crítico e autonomia por meio das suas trocas reportadas no momento do grupo, o que orientou nas vivências cotidianas incentivando as soluções dos seus problemas.

Na subcategoria religião, as ações com significados compartilhados possibilitaram que a transmissão dos saberes realizados através das trocas do grupo permitiu uma elaboração, ocorrendo assim uma nova institucionalização.

Em síntese, as perdas, o contexto religioso (item que apareceu duas vezes nas subcategorias), o pertencimento, as atividades, as orações e os cânticos religiosos, a interação social e a transmissão e elaboração de conhecimentos são os itens apontados pelas participantes, que auxiliam no enfrentamento dos sofrimentos e sentimentos, por exemplo, a exclusão que ainda é apresentado durante esse século atual. Assim, é necessário que se estimulem a construção de políticas públicas para proporcionar qualidade de vida para os idosos, assim como a conscientização da população acerca do envelhecimento ativo.

Diante destes resultados, pode-se concluir que a participação no grupo de convivência propicia aos idosos uma reelaboração dos acontecimentos e vivências positivas nesse período da vida, propiciando uma inserção social com respeito e dignidade, mesmo que seja em pequenas comunidades, como ocorreu na presente pesquisa.

É necessário que os estudos nesta área sejam realizados para fomentar dignidade, direitos humanos, cidadania, justiça, entre outros itens para serem debatidos que propiciem aos idosos o envelhecimento ativo.

Referências

Almeida, E. A. de; Madeira, G. D.; Arantes, P. M. M. & Alencar, M. A. (2010). Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-mg. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 435-443. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000300010>.

Ávila, A. H., Guerra, M., & Meneses, R. (2007, enero-junio) *se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da auto-imagem na velhice. Pensamiento Psicológico*, 3 (8), 7-18.

Araújo, V. S. (2015). *Representações sociais sobre o cuidado construídas por idosas João Pessoa*.(Tese em Português).(s.n) . 132 ID: bde-27762.

Beauvoir, S. (1970). *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Berger, P.; & Luckmann, T. (1995). *A construção social da realidade* (12 ed.) Petrópolis: Vozes.

Bevilacqua, G.; Leite, M. T.; Hildebrandt, L. M.; & Jahn, A. C. (2013). Sexuality in the perception and experience of elderly women members of a living group. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, 35 (1), 29-35.

Birmam, A. (1995) Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: R. Veras (Org.), *Terceira idade um envelhecimento digno para o cidadão do futuro* (pp. 29-48). Rio de Janeiro: Relume Dumará, UnATI/UERJ.

Both, J.E; Leite, M.T; Hildebrandt, L.M; & Grossmann, G.E. (2012). Percepção de Velhice na Voz dos Idosos Inseridos em um Grupo da Terceira Idade. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 4, (4),3043 - 3051.

Bruns, M.A.T.; & Del-Masso, M.C.S. (2007). *Envelhecimento Humano: diferentes perspectivas*. Campinas: Alínea.

Campos, D. M.; & Felipe, L.A. (2016). Perfil da Fragilidade em Idosos Participantes de um Centro de Convivência em Campo Grande-MS. *J. health sci. (Londrina)*; 18(4), Retirado de: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/JHealthSci/article/view/4511>.

Campos, Ferreira, & Vargas. (2015). Determinantes do envelhecimento ativo segundo a qualidade de vida e gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(7), 2221–2237, de <https://doi.org/10.1590/1413-81232015207.14072014>.

Cervo, A. L.; Silva, R. D; & Bervian, P. (2007). *A Metodologia Científica*. 6a Ed.

Celich, K. L. S.; Creutzberg, M.; Goldim, J. R.; & Gomes, I. (2010). Envelhecimento com qualidade de vida: a percepção de idosos participantes de grupos de terceira idade. *Revista Mineira de Enfermagem*, 14 (2). 226-232.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (2011). São Paulo. (11ª edição): Saraiva.

Daher, D. V.; & Vallory Debona, K.V. (2010). Reelaborando o viver; o papel do grupo no cotidiano das mulheres idosas. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 14 (4), 670-676.

Davies, B.; & Harré, R. (1990). Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20, 43-63. doi:10.1111/j.1468-5914. 1990.tb00174.

Dátilo, G. M. P. A., & Cordeiro, A. P. (2015). *Envelhecimento humano: diferentes olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do*

envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. (2006). Ministério da Saúde Brasília-DF.

Ferreira, N. T. (1993). *Cidadania uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Fernandes, R. C. (1997). *Privado, Porém Público - O Terceiro Setor na América Latina* (2 a ed.) Rio de Janeiro: Relume Dumará, .

Felippe, D. R. L.; Rodrigues, O. E.; & Maria, P.E.M. (2017). Relação entre apoio social e bem-estar subjetivo em idosos: revisão sistemática. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, 30(4): 1-13.

Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

Flick, U.(2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Gergen, K.J. (2010). *Construcionismo social um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266-275.

Gergen, K.J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo, Atlas.

Goldstein, L. L.; & Sommerhalder, C. (2002). *Religiosidade, espiritualidade e significado existencial na vida adulta e velhice*. In: E. V. Freitas, L. Py, A. L. Neri, F. A. X. Cançado, M. Gorzoni, & S. M. Rocha (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. pp.950-956. Rio de

Janeiro: Guanabara Koogan.

Gottlieb MG, Schwanke CHA, Gomes I, Cruz (2011). *Envelhecimento e longevidade no Rio Grande do Sul: um perfil histórico, étnico e de morbi-mortalidade dos idosos*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 14(2):365-80.

Goldenberg, M. (1997). *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record.

Grandesso, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grandesso, M. (2017). *A poética da conversação terapêutica*. Curitiba: CRV

Hillman, J. (2001). *A força do caráter: e a poética de uma vida longa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Brasil: uma visão geográfica e ambiental do início do século XXI*. Brasília.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. Rio de Janeiro-RJ.

Ibáñez, T. (2004). O “giro lingüístico”. In L. Íñiguez (Org.), *Manual de análise do discurso em ciências sociais* (19-49). Petrópolis, RJ: Vozes.

Íñiguez, L. (2004). La Psicología Social en la encrucijada postconstruccionista: historicidad, subjetividad, performatividad, acción. In N. Guareschi (Org.), *Estratégias de invenção do presente – a Psicologia Social no contemporâneo* (pp.15-53). Porto Alegre: EdPucRS

Jones, P. (2006). *Toleration, Recognition and Identity*. First

Published:<https://doi.org/10.1111/j.1467-9760.2006.00246.x>

Lane, T.M.; & Codo, W. (1984). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: brasiliense.

Leite, M. T.; Cappellari, V. T.; & Sonogo, J. (2002). Mudou, mudou tudo na minha vida: experiências de idosos em grupos de convivência no município de Ijuí/RS. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 4 (1),18 – 25, de: <http://www.fen.ufg.br>.

Lei Federal n 10.741, (2003, 01 de outubro). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília, D. F.

Lei n° 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o conselho. Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília. DF

Lei 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília

Leite, M. T., Winck, M., Hildebrandt, L. M., Kirchner, R. M., Silva, L. A. A.(2012).Qualidade de vida e nível cognitivo de pessoas idosas participantes de grupos de convivência. *Rev. bras. geriatr. gerontol*, 15, (3), 481-492, de: ID: lil-653670

Lima, C. M. B.;Alves, H. V. D.; Mograbi, D. C.;Pereira, F. F.;Fernandez, J.,L.; & Charchat-Fichman, H. (2017). *Desempenho em testes cognitivos, atividades instrumentais diárias e sintomas depressivos em uma comunidade de adultos idosos na cidade do Rio de Janeiro, Brasil*.

Lodovici, F.M.M. (2006). *O idoso e o discurso fílmico tabagista: efeitos de sentido de uma tal aproximação*. *Revista Kairós Gerontologia*, 9(2), 87-112.

Lopes, E. S. L.; & Park, M. B. (2007). *Representação social de crianças acerca do e do envelhecimento*. *Estudos de Psicologia*, 12(2), 141- 148.

Lourenço, R. C. C.; & Massi, G. (2011). *Linguagem e velhice: Considerações acerca do*

papel da escrita no processo de envelhecimento. Ed. Juruá.

Miranda, L. C. V.(2014) *Fatores associados à qualidade de vida de idosos de um centro de referência*. (Tese em português) em Belo Horizonte, Minas Gerais. Lilacs. Recuperado em :ID: lil-756712

Minayo, M.C.S. (2009). O desafio da pesquisa social. In S.F. Deslandes, R. Gomes, & M.C.S. Minayo (Orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Moura, A.O.D.; & Souza, L.K. (2015). *Grupos de convivência para idosos: participantes, egressos e desinteressados*. Estudos e pesquisas em Psicologia, De: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812015000300015

Neri, A. L. *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. 165-201. São Paulo: Alínea.

Neri, A.L. (2005). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas (SP): Alínea.

Nogueira, C. (2001). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 137-153.

Oliveira, J. K. B.; Duarte, S. F. P.; & Reis, S. (2016). Relação entre equilíbrio, dados sociodemográficos e condições de saúde em idosos participantes de grupos de convivência. *Estud. interdiscip. envelhec.*, 21(1): 107-21.

Ongaratto, G. L.; Grazziotin, J. B. Di D.; & Scortegagna, S.A. (2016). *Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência*. Index Psicologia - Periódicos técnico-científicos. Recuperado em: psi-70604

Paiva, V. L. M. O. (2014). *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola.

Pereira, M. M. (2015). *Qualidade de vida e nutrição em idosos participantes de centros de convivência da terceira idade*(Tese em português). São Paulo. Lilacs | ID: lil-773068.

Poltronieri, C. F. (2015). *Políticas públicas à pessoa idosa: uma breve discussão da proteção social*. Unesp Franca, Brasil.

Ramos, L. R. ;Veras, R. P.;& Kalache, A. (1987). *Envelhecimento populacional: uma realidade brasileira*. *Revista de Saúde Pública*, 21 (3), 211-224. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101987000300006>.

Rizzolli, D.; & Surd, A. C. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13 (2), 225-233.

Rocha, S. V.; Santos, C. A.; Souza, N. R.; & Carneiro, L. R. V. (2010).Qualidade de vida entre mulheres participantes de grupos de convivência. *Rev. APS*, 13(3), ID: lil-571959.

Ruschel, A. E.; & Castro, O. P. (1998). O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11 (3), 523-539.

Santos, L. F.; Oliveira, L. M. A. C.; Barbosa, M. A.; Minamisava, R.; Souza, B.N.; & Nunes, D. P. (2017). Participação em grupo como recurso para promoção da saúde e qualidade de vida entre idosos. *Revista Baiana de Enfermagem*, 31(2).

Sampieri, R.H.; Collado, C.F. ,& Baptista, L.M.P. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso.

Silva, G. M. L. da; Caminha, I. de O.; & Gomes, I. S.(2013). *O corpo e o tempo: a percepção dos idosos de um de convivência* . *Pensar práticas*, 16(4): 1081-1097.

Silva, H. O.; Carvalho, M. J., A. D. de; Lima, F. E. L. de; & Rodrigues, L. V.(2011) *Perfil epidemiológico de idosos frequentadores de grupos de convivência no município de Iguatu, Ceará*. Iguatu, Ceará. *Rev. bras. geriatr. gerontol*; 14(1): 123-133.

Silveira, M. M.; & Portuguese, M. W. (2017). Análise da qualidade de vida e prevalência de declínio cognitivo, ansiedade e sintomas depressivos em idosos. *Estud. psicol. (Campinas)*, 34(2), 261-268.

Spink, M.J.P. (2010). *Linguagem e Produção de Sentidos no Cotidiano*, de <http://books.scielo.org>.

Spink, M.J.P.; & Gimenes, M.G.G. (1994). Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. *Saúde e Sociedade*, 3(2), 149 – 171.

Spink, M. J. (2004). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (3a. ed.). São Paulo: Cortez.

Spink, M. J.; & Medrado, B. (2013). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: M. J. Spink (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas*. (pp. 22 – 41). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Silva, H. O.; Carvalho, M.J.A.D.; Lima, F.E.L.; & Rodrigues, L.V. (2011). *Perfil epidemiológico de idosos frequentadores de grupos de convivência no município de Iguatu, Ceará*. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(1), 123-133, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000100013>.

Silva, C. C. (2013). *Principais políticas sociais, nacionais e internacionais, de direito do idoso*, de <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/28351>>. Acesso em: 15 set. 2017.

Silveira, M. M. da; Portuguez, M. W. (2017). Análise da qualidade de vida e prevalência de declínio cognitivo, ansiedade e sintomas depressivos em idosos. *Estud. psicol. (Campinas)*, 34(2): 261-268.

Silveira, A. F. (2007). *Caderno de psicologia e políticas públicas*. Gráfica e Editora Unificado: Curitiba: Paraná.

Schneider, R. H.; & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25 (4), 585-593, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>.

Teixeira, M.H. (2004). Aspectos psicológicos da velhice. In: Saldanha A. L., Caldas C. P., *Saúde do Idoso: a arte de cuidar*, (2 a ed, pp. 309-315). Rio de Janeiro: Interciência.

Uvo, R. T.; & Zanatta, M. L. A.L. (2005). *O Ministério Público na defesa dos direitos do idoso A Terceira Idade*, 16- 33.

Veiga -Junior, C. L.; & Pereira, M. H. (2005). *Comentários ao estatuto do idoso*. São Paulo.

Vagetti, G. C.;Barbosa, F.V.C.; Moreira, N.B.; Oliveira, V.; Mazzardo, O., & Campos W. (2013). Condições de saúde e variáveis sociodemográficas associadas à qualidade de vida em idosas de um programa de atividade física de Curitiba, Paraná, Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(5):955-969. De: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2013000500013>

Zimerman, G.I. (2000) *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre. Artes Médicas Sul.

Wanderbroocke, A. C; Wiedemann, A. M.V.; & Bussolin, C. (2015). Participação social e familiar de idosas vinculadas a um grupo de convivência de uma comunidade de baixa renda em Curitiba-pr. *Salud & Sociedad*, 6 (3), 212 – 222.

Wichmann, F. M. A.; Couto, A. N.; Areosa, S. V. C.; & Montanes, M. C. M. (2013). Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. *Revista Brasileira de Gerontologia*, 16 (4),821-832.

World Health Organization. (2005). *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo - Brasília Organização Pan-americana da saúde, p. 13. De: <https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/12457/1/Claudia%20Galvani.pdf>.

Yassuda, M. S.;& Silva, H. S. da. (2010). Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(2): 207-214.

Apêndice 1 - Questionário Sociodemográfico

Sexo: Masculino () Feminino ()

Idade: _____ anos

Estado Civil:

Solteiro ()

Casado (a)/União de facto ()

Divorciado(a)/Separado ()

Viúvo (a) ()

Número de Filhos: _____

Escolaridade:

Analfabeto(a) ()

Sabe ler e escrever ()

Ensino primário ()

Ensino secundário ()

Curso Superior ()

Como classifica a sua situação económica:

Má ()

Média ()

Boa ()

Qual o valor mensal da sua renda? _____

A iniciativa de participar do grupo foi:

Iniciativa própria ()

Trazido(a) por amigos ()

Trazido(a) por familiares ()

Trazido(a) por técnicos de ação social ()

Tempo de participação no grupo _____ meses; _____ anos**Gosta do grupo:** Sim () Não ()**Realiza algum tipo de atividade:**

Não ()

Física ()

Cultural ()

Apêndice 2 - Roteiro de entrevista

1. Qual o histórico do grupo de convivência?
2. Quais as suas motivações para participação no grupo de convivência?
3. Para que vocês se reúnem no grupo, qual o objetivo?
4. O que vocês fazem no grupo?
5. Qual a diferença neste grupo da terceira idade para outros grupos do qual você faz parte?
6. De que maneira as discussões em grupo contribuem para sua vida?
7. Você observa que há trocas de ideias dentro do grupo?
8. Você acredita ou observa que há um respeito com relação às suas ideias expostas no grupo?
9. Qual a importância das trocas de ideias para você?
10. Você consegue me dar algum exemplo de histórias relatadas ou assuntos comentados que contribuíram para você refletir sobre a sua vida?
11. Como você vê a sua participação no grupo?
12. Quais sentimentos a participação no grupo lhe proporcionou?
13. Este grupo favorece para a sua participação ou inserção em outros contextos?
14. Como você vê a sua participação dentro deste grupo?
15. Como você vê a sua ação dentro da comunidade?

Apêndice 3 - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Marisley Góes Borba Paludo, aluna do Curso de Pós-Graduação, Mestrado em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Social Comunitária, da Universidade Tuiuti do Paraná, estou convidando você, a participar de um estudo intitulado PRÁTICAS E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA EM UM GRUPO DE IDOSOS. Este estudo é importante para promover a prática e participação comunitária dos participantes e colaborar com a prática do psicólogo.

a) O objetivo desta pesquisa será analisar se as práticas desenvolvidas em um grupo de idosos promovem a participação comunitária.

b) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda a duas entrevistas e participe das práticas, as quais serão desenvolvidas a partir do consenso entre pesquisador e participante.

c) Para tanto você deverá estar presente na Comunidade do Redentor, localizado na Rua Trajano Reis,199, na cidade de Curitiba - PR, para participar das atividades.

d) É possível que você experimente algum desconforto emocional diante das questões abordadas.

e) Se os participantes relatarem ou se a pesquisadora perceber que isto aconteceu a mesma verificará se o participante deseja interromper a participação e se deseja receber apoio emocional. Neste caso, será encaminhado para a psicóloga da instituição.

f) Os benefícios esperados com essa pesquisa será o de revisão da história do grupo e participação em práticas que promovam a participação comunitária.

g) A pesquisadora Marisley Góes Borba Paludo responsável por este estudo poderá ser localizada na Rua dos Funcionários,144, ap.104. bl.06 bairro Cabral, Curitiba - PR ou pelo fone 41-98416-8167 a qualquer horário para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.

h) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

i) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, Ana Claudia Wanderbroocke. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.**

j) O material obtido, questionários, gravações, imagens, será utilizado unicamente para essa pesquisa e será arquivada por um período de 5 anos, em arquivo exclusivo de uso do psicólogo.

l) As despesas necessárias para a realização da pesquisa, transporte, e todo material utilizado para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

m) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código, ou serão apresentados apenas dados gerais de todos participantes da pesquisa.

n) Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Tuiuti do Paraná, pelo telefone (041) 3331-7668. Rua: Sidnei A. Rangel Santos, 238 Sala 328 Bloco C. Horário de atendimento das 13:30 às 17:30.

Eu, _____ li esse Termo de Consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem qualquer prejuízo para mim.

Eu receberei uma via assinada e datada deste documento.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Local, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

[Nome e Assinatura do Pesquisador]

Anexo 1 - Parecer de aprovação do CEP

UNIVERSIDADE TUIUTI DO
PARANÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas e participação comunitária em um grupo de idosos

Pesquisador: MARISLEY GOES BORBA PALUDO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75373317.7.0000.8040

Instituição Proponente: SOCIEDADE CIVIL EDUCACIONAL TUIUTI LIMITADA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.287.398

Apresentação do Projeto:

Este projeto trata da vida social do idoso e da participação deste nas comunidades. A partir dos avanços da medicina e tecnológicos o envelhecimento se tornou mais longo, como consequência dessa longevidade, há vários programas estimulando a participação o que acaba incitando a melhoria nas condições de vida e novos olhares sobre o envelhecimento. As políticas públicas estão mais direcionadas ao envelhecimento ativo fato que contribui para melhorar a qualidade de vida destes, estimulando suas capacidades propiciando autonomia, independência e satisfação com a vida. Fundamentado nisto a participação comunitária é essencial para o processo de envelhecimento ativo, pois se entende que os idosos nem sempre tem a autonomia que gostariam, ficando a mercê do que os profissionais ou os familiares querem. Portanto, o objetivo da pesquisa será analisar se as práticas desenvolvidas em um grupo de idosos promovem a participação comunitária. A pesquisa será qualitativa nos moldes de investigação ação participante, conforme proposto por Frizzo (2014), com idosos e profissionais vinculados a um grupo de convivência para idosos, cerca de 20 pessoas de ambos os sexos e idade acima de 50 anos, vinculados a Comunidade do Redentor, localizado na Rua Trajano Reis, 199, na cidade de Curitiba - PR. Para coleta de dados será utilizado o diário de campo para registro de observação participante e será realizado um Grupo Focal Inicial. Com base nas observações e dados do grupo focal inicial, será proposto uma prática que vise ampliar a participação comunitária e posteriormente, será utilizado

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo
Bairro: SANTO INACIO CEP: 82.010-330
UF: PR Município: CURITIBA
Telefone: (41)3331-7668 Fax: (41)3331-7668 E-mail: comitedeetica@utp.br

UNIVERSIDADE TUIUTI DO
PARANÁ



Continuação do Parecer: 2.287.398

roteiro para o Grupo Focal Final.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar se as práticas desenvolvidas em um grupo de idosos promovem a participação comunitária.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios estão bem descritos nos campos apropriados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com metodologia clara e riscos e benefícios dos participantes descritos adequadamente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em conformidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendo aprovação do projeto devido a apresentação adequada da metodologia, riscos e documentos obrigatórios.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_992321.pdf	05/09/2017 15:25:09		Aceito
Outros	Questionario.docx	05/09/2017 15:23:05	MARISLEY GOES BORBA PALUDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMARI.docx	05/09/2017 15:20:47	MARISLEY GOES BORBA PALUDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MARISLEYPROJETO.docx	05/09/2017 15:18:05	MARISLEY GOES BORBA PALUDO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMOINFRAESTRUTURAMARISLEY.pdf	05/09/2017 15:16:45	MARISLEY GOES BORBA PALUDO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHAROSTOMARISLEY.pdf	05/09/2017 14:57:37	MARISLEY GOES BORBA PALUDO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo
 Bairro: SANTO INACIO CEP: 82.010-330
 UF: PR Município: CURITIBA
 Telefone: (41)3331-7668 Fax: (41)3331-7668 E-mail: comitedeetica@utp.br

UNIVERSIDADE TUIUTI DO
PARANÁ



Continuação do Parecer: 2.287.398

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 20 de Setembro de 2017

Assinado por:
Maria Cristina Antunes
(Coordenador)

Endereço: Rua Sidnei A. Rangel Santos, 238 - Bloco Proppe, sala 04 - Térreo
Bairro: SANTO INACIO **CEP:** 82.010-330
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3331-7668 **Fax:** (41)3331-7668 **E-mail:** comitedeetica@utp.br